

ORDEM DA LIBERDADE
MEMBRO HONORÁRIO

AUTORES

S.P.A. OUTUBRO 2025
REVISTA DIGITAL N. 13

SEM AUTORES NAO HÁ CULTURA

100
SPA



2025

José de Guimarães

REVISTA AUTORES

Director José Jorge Letria

Coordenação Editorial Paulo Sérgio dos Santos

Coordenação de Imagem Jaime Serôdio



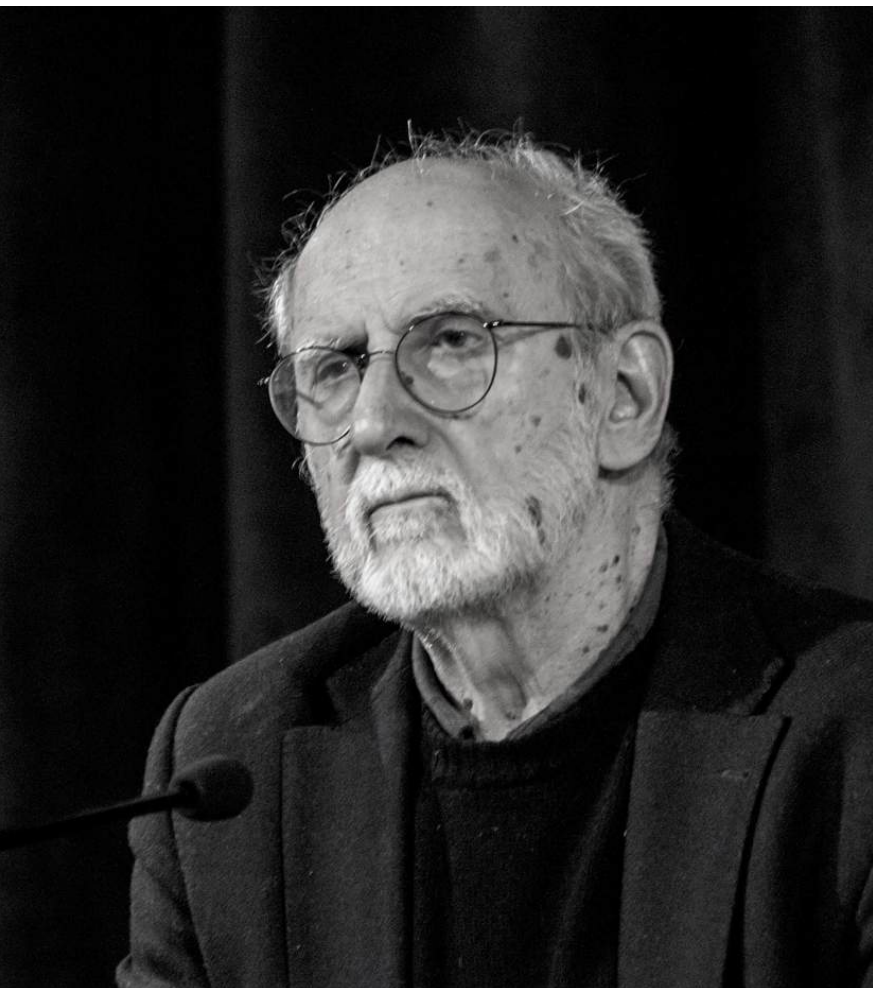
+351 213 594 400
geral@spautores.pt

Av. Duque de Loulé 31
1069-153 Lisboa

www.spautores.pt



CONTEÚDOS



18

ANTÓNIO PINHO VARGAS

“EM 2008, GRAVEI OS DISCOS SOLO E SOLO II, EDITADOS PELO DAVID FERREIRA. (...) EU DECIDI FAZER VERSÕES DE PIANO SOLO, RELATIVAMENTE CONSENSUAIS, NAS QUAIS TINHA RETIRADO QUALQUER VESTÍGIO DE IMPROVISACÃO. PORQUE IMPROVISACÃO É PARA SER FEITA, E NÃO PARA SER ESCRITA.”

04 EDITORIAL

“A SPA RECEBEU DAS MÃOS DO PRESIDENTE MARCELO REBELO DE SOUSA A ORDEM DE CAMÕES E FOI-LHE ANUNCIADO QUE IREMOS RECEBER O LOUVOR UNÂNIME DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA (...).”

10 JOSÉ DE GUIMARÃES

“O PROBLEMA DAS OBRAS DE ARTE TEM SEMPRE OS SEUS “QUÊS” DE INTERROGAÇÃO, DE DÚVIDA, E, INCLUSIVAMENTE, DE UMA RECEPTIVIDADE QUE É MUITO VARIÁVEL, CONFORME QUEM VÊ OU QUEM ESCUTA.”

32 TIAGO BETTENCOURT

“EU APRENDI DURANTE ESTES VINTE E TAL ANOS DE CARREIRA A NÃO AMBICIONAR PRÉMIOS. ALIÁS, O NICK CAVE TEM UMA FRASE ENGRAÇADA QUE É ‘A MINHA MÚSICA NÃO É UM CAVALO DE CORRIDA’.”

JOSÉ JORGE LETRIA



SPA TERÁ UM FUTURO COM UNIDADE E BOAS CONTAS

Este ano de vida da SPA termina com boas contas, com a certeza de termos celebrado condignamente o centenário da fundação da cooperativa, tendo como fundo gráfico o quadro criado a convite da SPA por José de Guimarães que, em tempo recorde, e com a sua habitual e

sempre aplaudida criatividade, sintetizou no jogo cromático e nas formas o espírito mobilizador da celebração.

Durante o ciclo comemorativo, a SPA recebeu das mãos do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa a Ordem de Camões e foi-lhe anunciado que iremos receber o louvor unânime da Assembleia da República das mãos do presidente daquele órgão de soberania Dr. José Pedro Aguiar Branco.

Por outro lado, a SPA continua a trabalhar para que seja criado o quadro jurídico necessário para podermos enfrentar os desafios e ameaças representados pela inteligência artificial. No plano internacional, a SPA continua a ser membro da Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores, com sede em Bruxelas.

No final do presente mandato, a actual Direcção tomou a decisão de avançar com uma nova lista candidata aos órgãos sociais, num acto eleitoral marcado para o dia 17 de Novembro, com as presidências do órgão asseguradas por José Jorge Letria, na Direcção, José Pacheco Pereira, presidente da Mesa da Assembleia Geral, e ainda Miguel Ângelo, na presidência do Conselho Fiscal.

Entretanto, vão avançar as obras de modernização e preservação dos dois edifícios centrais da cooperativa.

A Direcção da SPA teve já oportunidade de transmitir à Ministra da Cultura os seus objectivos prioritários, que são a consagração da gestão colectiva para o audiovisual no Código de Direito de Autor e a criação, no plano legislativo, das medidas necessárias para podermos lidar com tudo o que a inteligência artificial representa de negativo para os autores. Prepara-se a SPA, com um muito representativo número de novos autores e com mais mulheres para determinar qual irá ser o seu legítimo lugar no futuro.

Os tempos que vão chegar irão trazer novos desafios à equipa que irá ser eleita e que terá de enfrentar, além da inteligência artificial, novas situações criadas pelas tecnologias que serão, entretanto, operacionalizadas. Tudo isto será feito com a unidade dos autores, que são mais de 27 mil inscritos na instituição e com um efectivo de mais de 160 trabalhadores assegurando a operacionalidade de todo o sistema de cobrança e distribuição de direitos por todo o país. A SPA terá o futuro que para ela fomos capazes de construir e que a deixa, merecidamente, ao nível das mais avançadas sociedades de autores do mundo.

Outubro de 2025

1925
2025

SPA

um centenário COM VÁRIAS INICIATIVAS



A

Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) iniciou a celebração do seu centenário, marco histórico de 100 anos dedicados à valorização e defesa dos direitos dos Autores e da Cultura em Portugal, com o anúncio do seu programa. O arranque das comemorações, com o Alto Patrocínio de Sua Excelência O Presidente da República, aconteceu no dia 14 de Janeiro, na sede da SPA, em Lisboa.

Para assinalar esta data histórica o consagrado artista plástico José de Guimarães produziu uma obra de arte alusiva à efeméride e que será a base da imagem que a SPA irá comunicar ao longo de todo o ano.

Esta obra de arte, gentilmente oferecida por José de Guimarães à cooperativa a cuja Direcção também já pertenceu, simboliza o compromisso da SPA com a criação artística e com os valores que têm guiado a cooperativa dos autores portugueses ao longo de um século foi apresentada dia 14 de janeiro com a presença do seu autor.

A fachada do edifício sito na rua Gonçalves Crespo fica ocupada por uma tela gigante com esta nova imagem que durará durante todo o ano e que será igualmente desvendada dia 14 de Janeiro.

- Ao longo do ano com lugar a diversas iniciativas, de que se destacam:
- Documentários com depoimentos de dezenas de autores portugueses sobre a importância de ser autor e do papel da SPA.
- Edição de um livro com a compilação dos textos que, ao longo dos anos, celebraram datas especiais: Dia do Teatro, Dia da Música, Dia da Poesia, e Dia do Autor, que se chama "Em nome dos Autores".

- Apresentação de uma exposição chamada "A celebração dos Autores".
- Comemoração no dia 22 de Maio do Dia do Autor Português com a entrega das Medalhas de Honra e dos prémios "Consagração de Carreira" e "Vida e Obra".
- A gala do centenário no dia 29 de Maio, no CCB, com um espectáculo a celebrar a actividade artística da SPA e a sua projecção no futuro.
- Lançamento dos CTT de uma emissão de dois selos comemorativos dedicados ao centenário da SPA.
- Campanha institucional de sensibilização para o direito de autor em associação

ao centenário da SPA, com uma abrangente cobertura mediática nacional, incluindo televisão, rádio, cartazes "outdoor", revistas, digital, etc. Uma campanha protagonizada por autores das diversas áreas da criação, que generosamente se associaram a esta celebração.

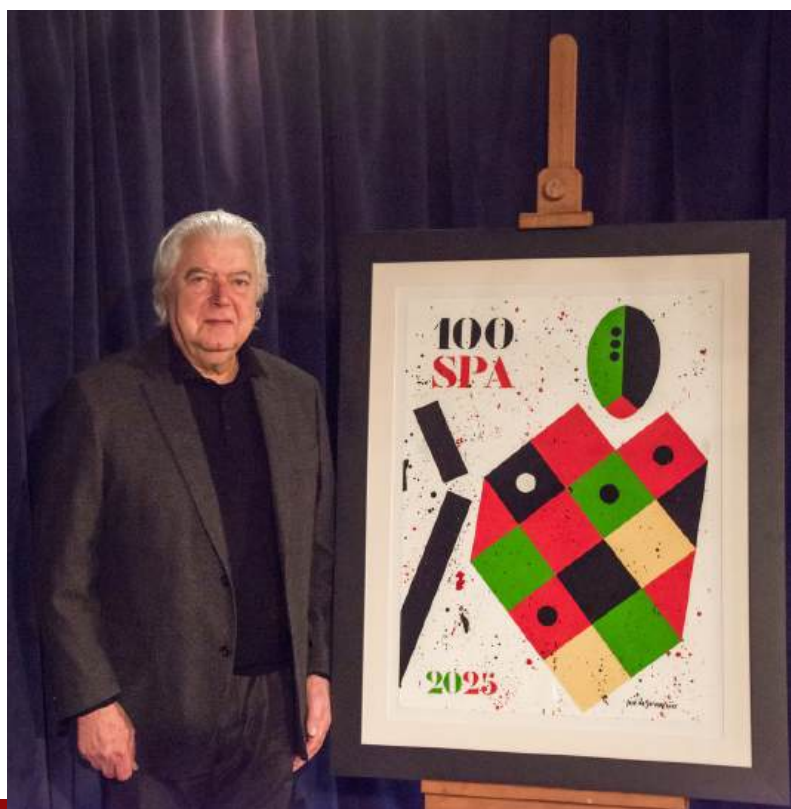
Estas e outras iniciativas não só enaltecem o legado de 100 anos da SPA, como também promovem a reflexão sobre os desafios e as oportunidades da criação artística e cultural, num futuro que sabemos ser exigente e que nos desafia.

Com este centenário, a SPA reafirma o seu compromisso com os autores e a defesa dos seus direitos, com a Cultura e com a Sociedade em geral, celebrando simultaneamente a sua história e projetando o futuro da criação artística em Portugal. Recorde-se que a SPA representa mais de 27.000 Autores nacionais, cerca de 5 milhões internacionais, abrange todas as áreas da criação, desde a Música à Literatura, passando pelas Artes plásticas, Audiovisual, Dança ou Teatro. Com delegações em todo o país, é membro activo de todas as importantes instituições internacionais ligadas ao direito de autor, pertencendo o seu presidente, José Jorge Letria, à Direcção do Grupo Europeu das Sociedade de Autores e Compositores, com sede em Bruxelas.

A SPA, certa de que a Cultura constitui a essência de um povo e o seu alimento espiritual, para além do significativo contributo para a criação da riqueza material, conta com a participação de todos nas comemorações que celebram um século de dedicação à criação artística e à cultura em Portugal.

APRESENTAÇÃO

IMAGEM COMEMORATIVA DOS **100 ANOS DA SPA** CRIADA POR JOSÉ DE GUIMARÃES



VEJA AQUI
A GALERIA DE FOTOS E VÍDEO
www.spautores.pt



RUI OCHOA © PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

SPA AGRACIADA COM A ORDEM DE CAMÕES

A **Sociedade Portuguesa de Autores** recebeu no passado, dia 7 de Abril, o título de **Membro-Honorário da Ordem de Camões**, outorgado

pelo Sr. **Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa**, por ocasião do **centenário da cooperativa dos autores portugueses**.

A cerimónia, durante a qual o presidente da SPA, **José Jorge Letria**, **recebeu das mãos do Chefe de Estado as insígnias desta Ordem** teve lugar no Palácio de Belém e foi um momento de celebração no qual participaram os membros do Conselho de Administração e vários membros dos órgãos sociais da cooperativa.

Na ocasião, o Presidente da República salientou a importância da SPA não só na promoção da cultura e na defesa dos autores, como igualmente na defesa intransigente dos valores da democracia e da liberdade.

Recorde-se que a SPA já tinha sido agraciada pelo **Presidente da República em 2016 com o título de Membro-Honorário da Ordem da Liberdade** e que este ano lhe foi conferido o **Alto Patrocínio da Presidência da República na celebração do centenário**.

A SPA abrange todas as áreas da criação, desde a música à literatura, passando pelas artes visuais, audiovisual, teatro ou dança, conta com mais de 27.000 associados nacionais e representa cerca de 5 milhões internacionais. Os autores portugueses sentem-se honrados com mais esta distinção que os mobiliza e estimula para os combates necessários e cada vez mais urgentes na defesa da cultura e dos valores essenciais da justiça, da liberdade e da solidariedade de que jamais abdicarão.

ESTUDO SOBRE O IMPACTO DA IA GENERATIVA NOS CRIADORES: ANÁLISE APROFUNDADA EM NÚMEROS



Elaborado pela consultoria PMP Strategy, a pedido da **CISAC** (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), este estudo conta com 112 páginas repletas de dados técnicos, conceptuais e históricos que exploram a evolução da Inteligência Artificial Generativa e o seu avanço exponencial nos últimos anos. Originalmente publicado em Dezembro, em inglês, o trabalho acaba de ser traduzido para português pela **UBC** (União Brasileira de Compositores).

A Inteligência Artificial Generativa está a provocar uma revolução na indústria criativa, mas também a suscitar uma série de preocupações quanto aos seus impactos nos criadores.

O estudo destaca a importância de uma regulamentação eficaz que garanta uma remuneração justa para os criadores, trazendo como exemplo a legislação europeia.

Para aceder aos números e aos dados completos, consulte o

estudo disponível aqui ➡



CIMEIRA DE ACÇÃO SOBRE IA

PARIS 2025 CARTA INTERNACIONAL SOBRE “CULTURA E INOVAÇÃO”

A Cimeira de Paris sobre a IA, que teve lugar nos dias 10 e 11 de Fevereiro de 2025, pretendeu promover uma IA fiável, sustentável e responsável. Pela primeira vez a este nível, a propriedade intelectual está a ser discutida.

Trata-se de uma questão mundial essencial que não pode ser ignorada. Por isso, 38 organizações internacionais, representando todos os sectores criativos e culturais, lançaram um apelo à construção de um futuro que concilie o desenvolvimento da IA com o respeito pelos direitos de autor e direitos conexos.

A cimeira tem, portanto uma responsabilidade especial, uma vez que não haverá IA fiável sem o respeito pelos direitos de propriedade intelectual. Não haverá IA ética sem a autorização dos titulares de direitos. Não haverá IA soberana sem um modelo comercial justo.



CONSULTE A CARTA INTERNACIONAL
SOBRE “**CULTURA E INOVAÇÃO**” AQUI ➡



ASSEMBLEIA GERAL DA SPA

APROVA CONTAS DE 2024

A Sociedade Portuguesa de Autores aprovou no dia 24 de Março, em assembleia geral, os documentos de prestação de contas relativos ao exercício económico de 2024.

O Relatório e Contas foi aprovado com 94% dos votos a favor e o Parecer do Conselho Fiscal com 95%. Ambos os documentos receberam 3% de abstenções, 1% de votos contra e 2% de votos nulos. O Relatório de Transparência foi aprovado com 93% de votos a favor, 1% contra, 5% de abstenções e 2% de votos nulos.

A SPA, que celebra o seu centenário, cumpriu com rigor mais uma vez a sua obrigação de prestar contas sobre a sua actividade.



SPA

ACTUALIZA REGULAMENTO REPARTIÇÃO DE DIREITOS EM ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

A SPA aprovou no dia 19 de Fevereiro, uma alteração ao Regulamento Geral de Repartição de Direitos, numa assembleia geral extraordinária que se realizou em formato híbrido.

A proposta, que teve como principal objectivo adequar as regras de determinados tipos de utilização à realidade actual atendendo à importância que o digital tem vindo a representar, foi aprovada com 94% de votos a favor, 1% contra e 5% de abstenções. Não se registaram votos nulos nem em branco.

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO AÇORES

A SPA esteve nos Açores no passado mês de Março para realizar sessões de esclarecimento sobre o Direito de Autor. Contou com sessões na PSP, GNR, Polícia Marítima e Ordem dos Advoga -

dos, abrangendo as ilhas de São Miguel, Terceira e Faial. A iniciativa teve com uma participação ativa e uma receção excecional por parte de todas as entidades envolvidas.

Ficou evidente o grande interesse em colaborar com a SPA, tendo sido estabelecidos contactos para futuras acções inspectivas conjuntas e para que exista um canal de comunicação para eventuais esclarecimentos que surjam.

A SPA esteve representada nestas sessões pela Dra. Inês Moreira, Coordenadora do Departamento Jurídico, e por João Pedro Canteiro, Diretor do Departamento de Execução Pública e Delegações da SPAUTORES.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

ENTREVISTA

JOSÉ DE GUIMARÃES

FOI REVELADA NO INÍCIO DO ANO A IMAGEM COMEMORATIVA DOS 100 ANOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES.

A OBRA, CRIADA PELO ARTISTA PLÁSTICO JOSÉ DE GUIMARÃES, CELEBRA A EFEMÉRIDE E SERÁ A IMAGEM OFICIAL DA SPA AO LONGO DE TODO O ANO COMEMORATIVO.

POR OCASIÃO DA APRESENTAÇÃO, QUE DECORREU NO AUDITÓRIO MAESTRO FREDERICO DE FREITAS, O AUTOR ESTEVE À CONVERSA COM A REVISTA AUTORES.

Que importância teve a criação desta obra?

Tive uma grande satisfação e alegria por a Sociedade Portuguesa de Autores me convidar para realizar uma obra. Não me foi dito especificamente que obra, mas uma obra que pudesse traduzir, simbolicamente, os 100 anos da Sociedade Portuguesa de Autores. O problema das obras de arte tem sempre os seus “quês” de interrogação, de dúvida, e, inclusivamente, de uma receptividade que é muito variável, conforme quem vê ou quem escuta. No caso das artes visuais, é fundamental que a obra seja, sobretudo, para se ver. E depois de se ver, com profundidade e com interesse, acaba-se por se descobrir a profundidade da obra, ou não, e aquilo que estava na cabeça do autor. Esta obra vem na senda de outras obras que tenho realizado ultimamente e que são inspiradas na escrita de determinados povos, de determinados países exóticos, que não têm escrita. Eu tive de usar os artifícios que essas populações sem escrita usam para depois puderem comunicar. A comunicação entre as pessoas é fundamental.

Sem dúvida.

Durante cerca de cinquenta anos, eu estudei, vi, li e viajei e encontrei, em algumas situações, casos

curiosos como estes dois que vou agora referir. Nos anos 60 e tal, 70, eu estive em Angola, e vi que aquelas populações usavam pinturas nas paredes do exterior das suas casas e essas pinturas eram sinais, desenhos, formas geométricas. Mas reunidas tinham um significado e uma mensagem a transmitir. Os anos passaram e, na mesma zona, uma outra tribo usava os chamados desenhos na areia para comunicar.



Esta obra vem na senda de outras obras que tenho realizado ultimamente e que são inspiradas na escrita de determinados povos, de determinados países exóticos, que não têm escrita.





Desenhos na areia para passar mensagens?

Quando os elementos dessa tribo, a família enfim, queriam contar histórias, estas eram contadas sempre com uma intenção e essa era a de comunicar determinadas realizações que iriam processar-se ou contadas histórias passadas, etc. Normalmente, as pessoas estavam sentadas no chão, ou em pequenos bancos, ou em esteiras, etc., e, à medida que iam conversando, desenhavam no chão uns riscos que, depois de unidos, davam formas e essas tinham significado para a outra pessoa. Essa comunicação fazia-se através de uma forma gráfica e transmitiam aquilo que nós, no Ocidente, transmitimos quando escrevemos. Para um artista plástico, esse processo é ideal, porque nós ao realizarmos este tipo de trabalho, estamos a usar também formas, estamos a construir ideogramas. E esse processo é que nos permite adaptar outras situações e adicionar a esse alfabeto mais elementos. Eu fiz dois alfabetos. Um deles tem 140 peças, é um alfabeto que nunca foi exposto em Portugal, não calhou, que está no Museu Wurth, na Alemanha, e que lhes pertence. Foi o primeiro alfabeto, feito nos anos 70. Cinquenta anos depois, eu criei um novo alfabeto, desta vez inspirado nos desenhos na areia. Enquanto que o primeiro foi inspirado nas paredes pintadas da Lunda, e este inspirado nos desenhos na areia, também dos povos da Lunda.

Inspirações diferentes para uma mesma concretização.

Criei um novo alfabeto que são 40 e tal esculturas. Estes alfabetos são feitos em madeira e policromados. Este último nunca foi exposto, está cá em Portugal. E permitiu-me criar uma série de obras, das quais já fizemos uma edição de serigrafia,

cerca de 10 ou 12 serigrafias editadas pelo Centro Português de Serigrafia.

E há uma relação com a obra feita para a SPA?

Esta obra que está aqui é um guache no papel, é, perfeitamente, inspirado nesse tipo de desenhos na areia e que só falta estar ali a mão com as pontas dos dedos a marcarem aquelas posições. Porque é que eu fiz isto? Era a zona do meu trabalho, do momento. A zona do meu trabalho nesse presente eram, de facto, os desenhos na areia e apenas adaptei a circunstância dos 100 anos de uma casa de cultura, por onde passaram milhares, milhares de artistas, dos mais variados sectores, da pintura, à música, à escrita, etc. Isto é a explicação, digamos, científica do quadro. A explicação espiritual deixou a cada um, que irá ter a sua visão. E ainda bem que é assim, pois se todos tivessem a mesma do um quadro, é porque este não funcionaria.

E como começou a história do autor com a Sociedade Portuguesa de Autores?

Eu sou beneficiário da Sociedade Portuguesa de Autores há quase 40 anos. Sou cooperador há quase 15 anos. Na minha vida artística, eu sempre estive ligado a associações do ramo. A primeira associação a que eu estive ligado foi Sociedade Nacional de Belas-Artes, durante muitos anos, na altura em que lá estava o Fernando Azevedo, o José Augusto França, Fernando Pernes. Já tenho uma idade, que não parece, mas já são 85 anos em cima. Eu pertenço ainda à geração antiga e pertenci, durante muitos anos, à Direcção da Sociedade Portuguesa de Belas-Artes, mesmo antes de pertencer à Sociedade Portuguesa de Autores, e depois fui Presidente da Direcção, tempo mínimo que eram, mais ou menos, dois anos e meio.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes?

Sim, na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Foi quando eu saí da Sociedade Nacional de Belas-Artes que o Dr. José Jorge Letria me convidou para a Direcção [da Sociedade Portuguesa de Autores] e eu aceitei. Penso que fui membro da Direcção durante um ou dois mandatos. Eu sempre estive do lado dos artistas. Na Sociedade de Belas-Artes nunca recebi um centavo, aqui, na Sociedade Portuguesa de Autores, eu também nunca recebi um centavo. Apenas tenho uma pensão proveniente do facto de ser cooperador. Portanto, eu sempre estive do lado dos artistas, porque, neste país, a gente tem de estar do lado dos que não têm o poder.



eu sempre estive do lado dos artistas, porque, neste país, a gente tem de estar do lado dos que não têm o poder.

Nunca pertenci a nenhum partido político, nem me interessa.

Nunca pertenci a nenhum partido político, nem me interessa.

Não é isso que o mobiliza.

Pois, deve ser coisa boa, mas não me interessa. Eu defendo-me a mim próprio. Se calhar é por isso que nunca houve um funcionário do Ministério da Cultura que tenha visitado o meu atelier. Mas também não tem importância. Eu tenho 85 anos.

Já tiveram tempo, portanto.

Já tiveram. Eu sempre andei no meio e, realmente, a Sociedade Portuguesa de Autores é a única instituição que tem o mínimo de estrutura e poder para poder fazer alguma coisa pelos autores. É como na política, uma pessoa que seja empregada num escritório, não é pelo patrão que vai ser defendido, tem de ir para um sindicato.

Deverá ser uma estrutura suficiente para poder zelar pelos seus interesses.

Exacto. E, no fundo, a Sociedade Portuguesa de Autores funciona como um sindicato. É a única, que conheça, que defende os artistas e, ainda por cima, agrega todas as modalidades: Artistas plásticos, músicos, escritores, etc.

Como foram os seus tempos na Direcção e quais as lutas de que se recorda?

Bom, isto é sempre uma luta. Uma obra de um autor que vai a leilão e vai gerar valores de direitos de autor... são raras as casas que fazem essa comunicação à Sociedade Portuguesa de Autores. Portanto, às vezes sei de obras minhas e telefono para aqui para saber se estão a par. É preciso, muitas vezes, ir atrás deles ou atrás delas.



é importante saber onde estão as pessoas para, enfim, trabalharmos juntos.

Existe falta de boa prática.

Exactamente.

É importante sensibilizar as instituições para a importância que isso tem para a vida dos autores e garantir que se cumprem as normas.

É uma luta, enfim...

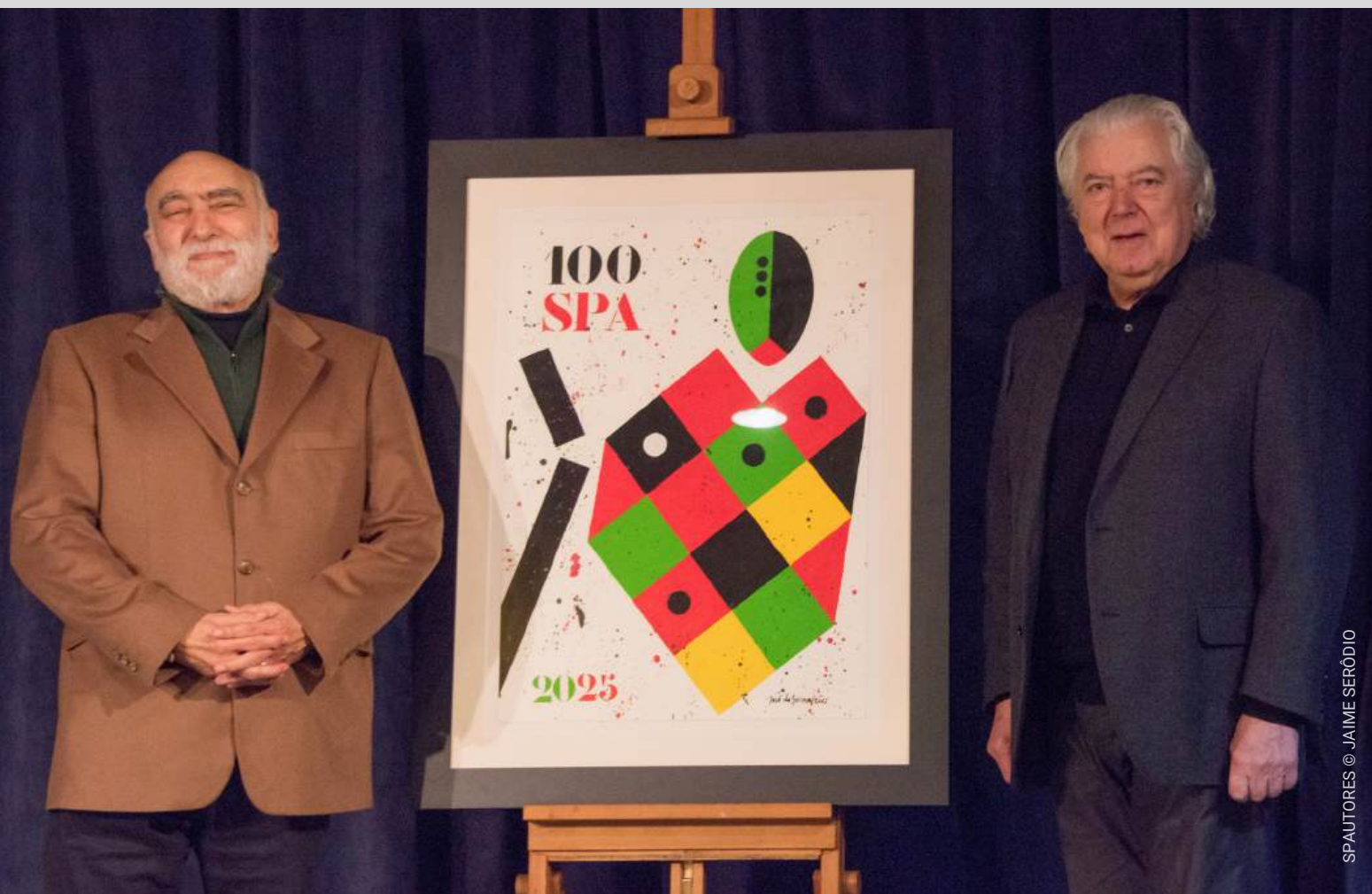
Em concreto, na sua área artística, desde que ingressou na Sociedade Portuguesa de Autores, viu as suas lutas serem recompensadas?

Há crises. Há momentos de crise. A Pandemia afectou tudo. Afectou os artistas e as artes. É difícil fazer esse levantamento estatístico. Mas quando há essas crises, até políticas, tudo pára. Eu creio que, ao nível das artes, todos são sensíveis

ao que se passa no mundo civil. Há nichos, uns colecionadores e tal. O que seria importante era as instituições do Estado apoiarem de forma consequente. Não é só pontualmente, mas que pudéssemos contar, sem estar à espera. Os artistas ao longo da história foram todos desgraçados. O Van Gogh vai ter agora uma grande exposição em Nova Iorque... em vida, não vendeu um quadro. 



Os artistas ao longo da história foram todos desgraçados. O Van Gogh vai ter agora uma grande exposição em Nova Iorque... em vida, não vendeu um quadro.



MENSAGEM DA SPA

DIA MUNDIAL DA POESIA 2025

A POESIA NÃO ACALMA OS TERRAMOTOS

21 DE MARÇO DE 2025

As árvores caem e o seu bafo meio moribundo quando chega ao solo emite um som que parece o de socorro. Os animais guincham com a sua voz particular e analfabeta, mas que sabe coisas que são

bem audíveis nesses guinchos que atravessam bosques e montanhas e que quando entram nas cidades imobilizam tráfego e semáforos, os candeeiros apagam-se e fica noite subitamente em todo o lado porque a eletricidade é sensível a uma certa frequência do medo que vem nos guinchos dos animais mais antigos.

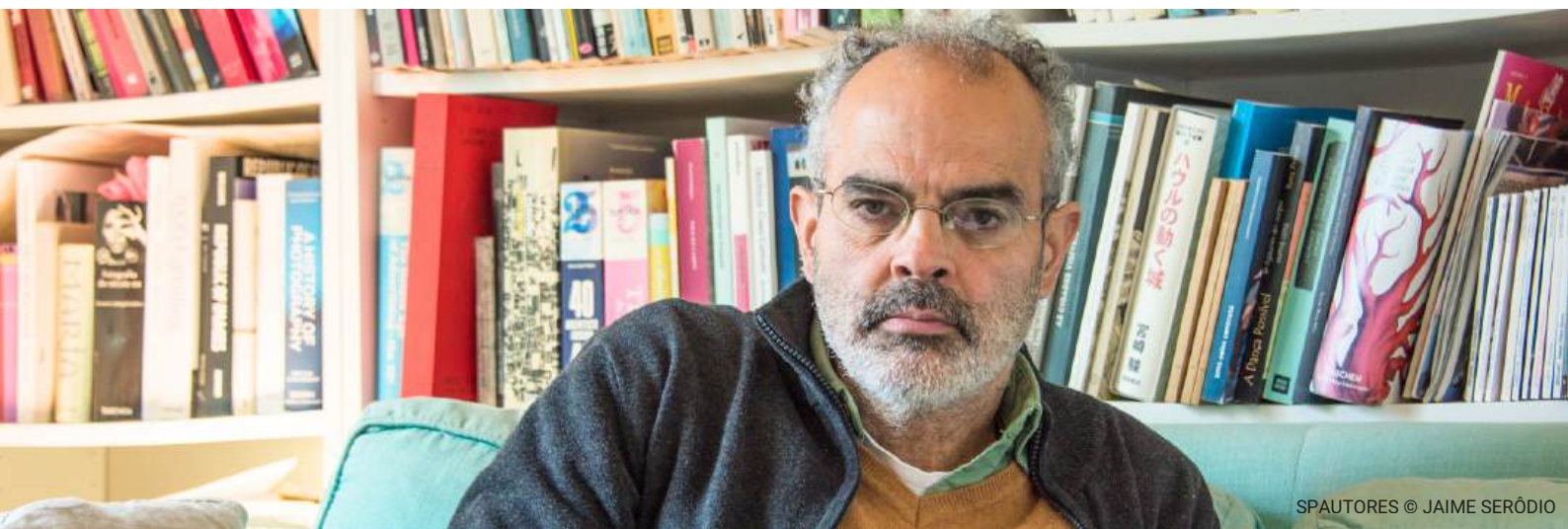
Mas, claro, há quem escreva poesia com as costas curvadas sobre o tampo da mesa ou em bicos de pés, como uma bailarina, tentando escrever as palavras mais altas num ponto mais alto, como se a vida fosse simples e métrica e a poesia aparecesse só a partir de certa altitude do humano, que altitude é uma palavra que também deve ser usada para os humanos e não apenas para o avião ou para a montanha, eis uma sugestão direta e modesta.

E sim: o mundo está sonoramente doente e a cegueira é também por vezes uma forma terrível de descansar. As imagens vêm doentes já, à partida, a coxear e com nacos delas mesmas a cair no chão a cada passo. As imagens que recebemos estão mesmo doentíssimas, constipadas, as mais delicadas, umas outras com doenças absolutamente terminais; muitas com doenças contagiosas: vês e ficas parvo, vês e ficas tonto, vês e ficas louco, vês e ficas com cirrose, vês e ficas com sífilis, vês e ficas com gangrena que ofereces no natal como espetáculo à família, mesmo que de modo involuntário.

As imagens são coisas perigosas, são os animais que andam por aí bem mais contemporâneos dos lobos do que se pensa; as imagens caçam humanos com os seus dentes cheinhos de tédio e pressa: tenho tédio e tenho pressa, sai da frente, quero aborrecer outro, quero chocar outro. E o humano vai resistindo como pode, pega num guarda chuva para combater um furacão e por vezes num livro de poesia para pousar sobre a terra que começa a tremer num terremoto de escala aterradora mas o terremoto de escala aterradora não se comove com o livro de poesia ingenuamente colocado sobre o solo, seria bom mas só nos maus filmes: no real abanço da vida normal vai livro, vai mão, vai o teto de século XVI tão lindo, vai a fachada inteira, o prédio rombo rui agora para sempre e, no meio dos destroços, os obcecados os desvairados os distraídos estarão, quem sabe, dias e dias em processo em tentativa de recuperar, no meio dos escombros, um original qualquer de poesia, passando ao lado de mãos que pedem ajuda e de urros humanos que manifestam com essa voz animal que ainda respiram e querem viver. Mas sim, alguns obcecados pela poesia, quem sabe, resgatam dos escombros do século XXI um livrito de versos, sacodem a poeira, tentam perceber se as metáforas estão legíveis e belas e imediatamente inauguram um belíssimo recital de poesia com chá de menta e bolos secos, daqueles de manteiga, meio torcidos, que se esfurelham nos dentes como se fossem eles mesmos, os biscoitos, pedaços de escombros, escombros feitos de manteiga e açúcar, péssimos para a saúde cardíaca e do sangue que está lá por dentro, resguardado. E é isso: por vezes existe mais produto interno de metáforas na urgência bruta do dia do que em livros encadernadíssimos.

Mastiguemos, então, biscoitos e imagens sentados no sofá
sonolento e brindemos ao poente por vir
em que resolver urgências se torne belo, ámen.

GONÇALO M. TAVARES



CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO

DIREITO DE AUTOR

NO ANO EM QUE SE CELEBRA O CENTENÁRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES.

São vários os autores envolvidos numa campanha de sensibilização promovida pela Sociedade Portuguesa de Autores, que celebra este ano o seu centenário.

Com o propósito de lembrar que o Direito de Autor é um pilar essencial da cultura, são diversos os meios envolvidos, nomeadamente, televisão, rádio, imprensa, mupis e on-line, incluindo várias redes sociais.

Porque sem autores não há cultura, é importante recordar que o Direito de Autor é de todos, a começar por aqueles que fruem das obras, sem as quais teriam uma vida despida de cultura.

ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA, HERMAN JOSÉ, LÚCIA MONIZ, MARIA JOÃO LUÍS, PAULO FURTADO E RITA REDSHOES, SÃO ALGUNS DOS AUTORES ENVOLVIDOS NESTA CAMPANHA

Esta campanha já está presente na comunicação social e vai continuar ao longo deste centenário, pretendendo ser um marco na consciencialização de todos para uma das bases mais determinantes da produção intelectual e artística.



spautores.pt
facebook.com/spautores
instagram.com/spautores
youtube.com/SPAutores1925

O DIREITO DO AUTOR É UM DIREITO TEU

Sem direitos não há autores e sem autores não há cultura

SPAUTORES

ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA



Veja os Vídeos da Campanha e os Bastidores



ANTÓNIO VICTORINO
D'ALMEIDA

LÚCIA
MONIZ

PAULO
FURTADO

RITA
REDSHOES

MARIA JOÃO
LUÍS

HERMAN
JOSÉ



ANTÓNIO PINHO VARGAS

PRÉMIO PEDRO OSÓRIO 2025

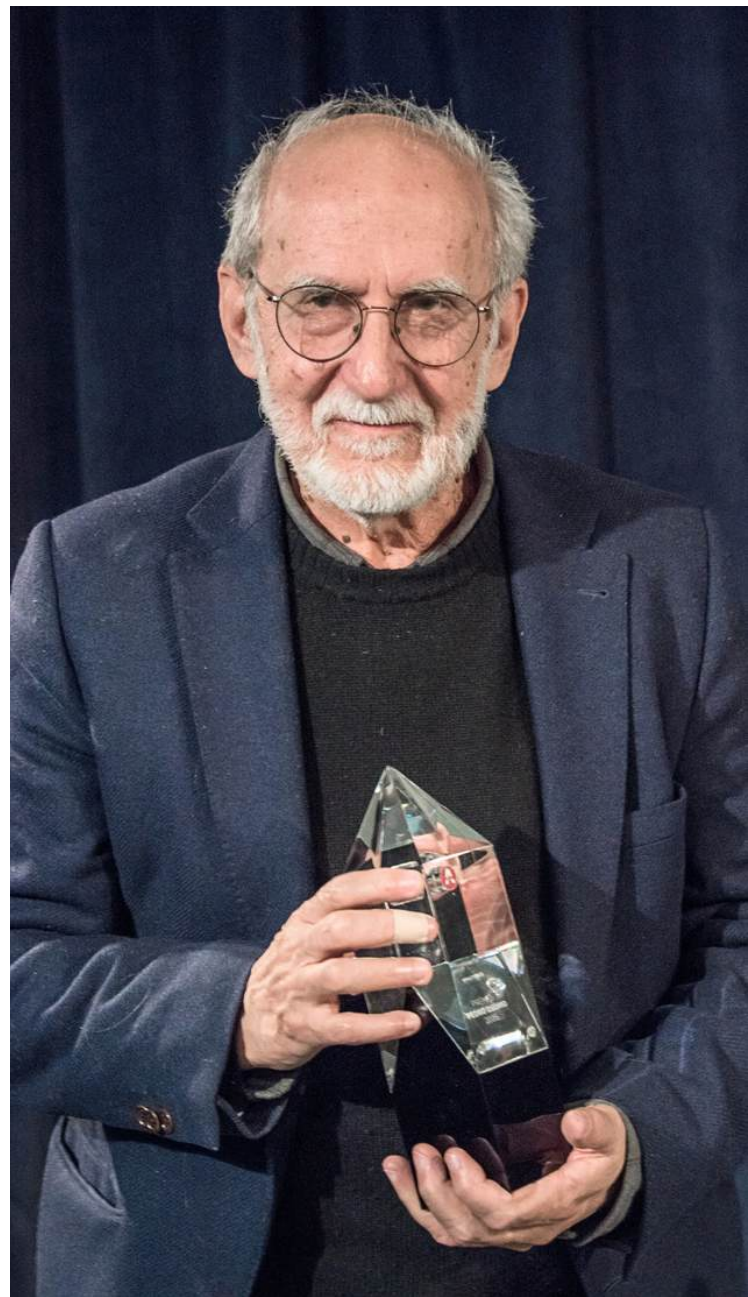
DOS ALICERCES NA ARQUITETURA
À HARMONIA DO PALCO

Não é a primeira vez que recebe um prémio da Sociedade Portuguesa de Autores, mas este tem uma ligação ao seu trabalho mais recente, nomeadamente ao álbum *Lamentos*.

Aqui há uns tempos havia, um pouco, a mania de dizer que não se agradecem os prémios. Eu não partilho dessa opinião de modo nenhum. E, portanto, devo agradecer. Olhando para a lista dos vencedores tenho algumas pessoas que conheço bem e pelas quais tenho apreço. Acima de tudo o Rão Kyo, com quem toquei no início da minha carreira como pianista de Jazz e, já, a tentar fugir dele, tanto eu, como ele... Não por nenhuma espécie de arrogância, mas por necessidade, digamos assim. Tanto no caso dele, como no meu caso. Nós fomos parar a caminhos muito diferentes. Mas continuamos a ligar um ao outro, de vez em quando. Podem passar 5, 10 ou 15 anos, mas lá vai o telefonema...

Este álbum *Lamentos* é, digamos, o primeiro que é completamente ligado a esta prática musical, é um disco de música clássica. Embora, seja contemporâneo e, a meu ver, se eu pensar apenas no disco, com orquestra metropolitana do seu maestro Pedro Neves, dos solistas Ana Pereira e Joana Cipriano, acho que é um disco muitíssimo bom, é excepcional. E dá-se o caso de ter três peças minhas, das quais gosto imenso. São as três últimas que compus antes da pandemia. Este disco venceu o prémio Play. Não estou a falar do meus que recebi da Sociedade Portuguesa de Autores, com a peça *Magnificat*, e da medalha de honra.

SPAUTORES © JAIME SERÓDIO



E o passado, mal ou bem, está cheio de prémios. Nos anos 80, havia poucos prémios e, na verdade, os meus três primeiros discos tiveram. Primeiro foi o prémio revelação da RDP. No dia em que fui recebê-lo, estava o Saramago com um prémio relativo ao livro *O Memorial do Convento*. Depois, em 2012, recebi o prémio da Universidade de Coimbra, um prémio importante e que muito me agradou. Porque, tinha como descrição o conjunto da minha obra, que é uma coisa um pouco pomposa, mas, na verdade, com a idade que tinha, e tendo praticado duas artes musicais, inicialmente ligado ao Jazz, mas a transição não foi fácil, não foi compreendida por algumas pessoas. As que não valorizam muito aquilo que o Freud e o Deleuze se fartaram de escrever e que cada um de nós são vários. Eu sou um bom exemplo vivo disso. Estudei as duas práticas musicais, praticamente, em paralelo. Não havia escolas de Jazz nos anos 70, eu comecei a estudar numa escola de música. Já sabia tocar um bocado, tinha estudado dos 9 aos 11 anos, e depois interrompi. Conhecia pianistas de Jazz extraordinários, todos seguramente tinham estudado música clássica porque tinham uma técnica extraordinária, para além da capacidade de improvisação, a própria maneira de tocar piano, em si, era requintada. Eu estou a falar de Keith Jarrett, do Chick Corea... E, de facto, li, nas suas biografias, que começaram a estudar piano clássico muito cedo.

Estou a lembrar-me, no caso do Chick Corea e Keith Jarrett, gravaram também peças do repertório clássico.

Por exemplo, Para dois pianos, não é? Um disco muito bonito, deles os dois a tocar esse concerto de Mozart. Vi um vídeo deles.



Conhecia pianistas de Jazz extraordinários, todos seguramente tinham estudado música clássica porque tinham uma técnica extraordinária (...)

Estou a pensar nas gravações do Keith Jarrett para a ECM, das Variações de Goldberg e O Cravo Bem Temperado de Bach, bem como concertos para piano e orquestra de Mozart. E o Chick Corea também tem The Mozart Sessions.

O caso do Keith Jarrett é extraordinário. Ele gravou uma quantidade de repertórios de música clássica, a começar por Bach, de quem gravou *O Cravo Bem Temperado*, em dois volumes; gravou as variações Goldberg, acho que com cravo, mas os outros são com piano. Gravou os 24 Prelúdios e Fugas de Shostakovitch, que é já um compositor bastante difícil. A sua capacidade extraordinária permitiu-lhe tudo isso e, felizmente, para nós, que vamos aprendendo com isso, com essa atitude. A minha peça *Sinfonia Subjectiva* foi estreada em Março de 2019 e, como na segunda parte do concerto no CCB era tocada a minha peça *Six Portraits of Pain*. E o CCB tinha encomendado um filme para a minha peça, ao contrário do habitual, que se pede ao músico para fazer música para um filme. Acho que foi uma ideia do António Mega Ferreira, na qual a Luísa Taveira pegou, e





convidou-me. Eu, na altura, estava cansado e disse-lhe “Sabe, eu nem sei se consigo compor, mas agradeço muito o convite”. O Verão seguiu-se a esta conversa, e, por volta do Outono, telefonei-lhe a dizer que a peça estava em bom andamento. Fiquei muito contente com a estreia, apesar de ter estado doente nesse dia. Não ficou gravada na estreia, porque a mesa de mistura estava toda ocupada, naturalmente, com a exibição do filme. Não tinha som, mas havia o som da sala. Eu passei os anos da pandemia com a sensação de que a minha *Sinfonia Subjectiva* era uma grande peça e com o temor de que não chegasse a ser gravada, durante a minha vida.

Tenho alguma curiosidade em algo que mencionou e que tem que ver com um triangulação. Por um lado, ter estudado paralelamente um género mais jazzístico e, simultaneamente, um clássico-contemporâneo, digamos assim. O que achei curioso foi a conjugação dessa factualidade com o que referiu, de uma certa fuga do Jazz. Sendo uma fuga, tal como disse, que não era por nenhuma razão de negação...

Sim. Sabe, nós queríamos, no início dos anos 70, ainda antes do 25 de Abril, tocar música radical. Tínhamos 20 e poucos anos. Queríamos tocar Free Jazz e tocámos. Fizemos alguns concertos nessa altura. Houve um com o Jorge Lima Barreto na bateria e o meu amigo Artur Guedes, que depois tocou comigo no grupo Zanarp em 75, ou 76, 77, por aí. Na altura, andávamos à volta da aprendizagem tanto da música clássica no meu caso, era o que eu levava mais a sério, ao ponto de ter feito o curso superior de piano no Conservatório, alguns anos mais tarde. O tempo não chega para tudo e foi preciso fazer, com interrupções e tudo isso. Mas, sabe, aquilo que

veio a ser a minha música dos discos *Outros Lugares, Cores e Aromas, As Folhas Novas* e por aí fora... Cada um desses discos tinha uma música que eu posso considerar que é Jazz. A maior parte das outras derivam do Jazz, mas, no essencial, eu já estou, desde início, ligado como compositor à ECM. Ou seja, a editora na qual muitos europeus também gravavam discos na altura. Portanto, era uma ligação que não está apenas na maneira de tocarmos, mas na própria música, na própria composição. Há técnica harmónica no Jazz tradicional e eu fartei-me de tocar standards até com músicos americanos. Mas a minha música pela sua estrutura harmónica impedia aquilo que, na altura, chamávamos de fraseado, que é próprio do Jazz. Não se aplicava, porque a música implica uma certa maneira e sobretudo a estrutura harmónica apontava para uma, arrisco a dizer, originalidade. E foi esse caminho que foi seguido. E é, até, com grande alegria que eu sinto que essa música sobrevive, ainda hoje, porque eu posso tocá-la, se tiver de boa saúde.

Em 2008, gravei os discos *Solo* e *Solo II*, editados pelo David Ferreira. Na altura, a seguir, eu decidi fazer versões de piano solo, relativamente consensuais, nas quais, tinha retirado qualquer vestígio de improvisação. Porque improvisação é para ser feita, e não para ser escrita.

Eu escrevi, no essencial, só partes temáticas de cada uma das minhas músicas. E sabe, até foi o Mário Barreiros que numa conversa, depois de um concerto meu, onde eu toquei com Maria João Trio, no Rivoli, no Porto, ele foi assistir e disse-me que tinha saudades, e tal, que há bastantes anos que não ouvia aquelas músicas, as quais tinha tocado, na sua origem, uma parte delas e, a certa altura, diz-me:

“Tu, se quisesse, podes gravar isso, sem improvisação, quase como se fosse Beethoven”. Isto deixou-me a pensar. Um músico daquele calibre, que tinha estado 10 anos a ver aquelas músicas a serem tocadas e a tocar bateria em todas elas, passados outros 10 anos, dizer-me que aquela música podia ser tocada sem improvisação. Quer dizer que aquela música, na sua estrutura, era sólida e permitiria aquilo que está acontecer agora. Nos últimos anos, parece que, nas escolas de música, os meus livros são amplamente utilizados e há muitos estudantes de piano, entre os 12, os 7 e os 17 anos, que gostam de tocar a minha música. Parece que as pessoas que ensinam piano, gente nova, dizem que é a primeira vez que um compositor português é tocado pelas crianças, e gostam de o fazer. No ensino do piano, eu sei muito bem como é que ele era no início.

Estudar o Czerny, o Hanon...

O Hanon... Depois os professores mais modernos, como era o caso da minha, passaram, rapidamente, para Bartók e não sei quê. Mas enfim... Repare-se que a tradição clássica é maravilhosa e toda a gente adora tocar aquela música. Agora, que isto esteja acontecer com aqueles dois livros que foram só publicados em 2008 e 2009, juntamente com a saída dos discos Solo e Solo II... São 36 músicas ao todo e são dois volumes e eu suspeito que circulou em muitas fotocópias, mas, de qualquer modo, a música é tocada. E isso é muito bonito.

A minha condição de autor e de defensor dos direitos dos autores, conduzem-me a não advogar a proliferação de fotocópias. Ainda assim, o facto de estas existirem e circularem, significa, necessariamente, uma avidez referente a essas partituras.

Claro que sim. Quando comecei a estudar mais seriamente, com 21 anos, pude ver que a minha professora falou de uma peça do Lopes Graça e, de facto, o que havia era uma fotocópia de um manuscrito. Anos mais tarde, aconteceu-me a mesma coisa com Jorge Peixinho, uma partitura para piano em fotocópia. O Jorge Peixinho morreu sem ter nenhuma peça editada. Em Portugal, esta questão atingia proporções gravíssimas. Houve uma iniciativa da Fundação Gulbenkian, que foi muito importante, o Portugalæ Musica, a colecção dos compositores do século XVII e XVIII, e outros... É uma colecção que continua a ser referência, embora em alguns casos que já haja edições mais actualizadas. A musicologia também se desenvolveu e os manuscritos foram outra vez analisados, comparados com aquelas edi-

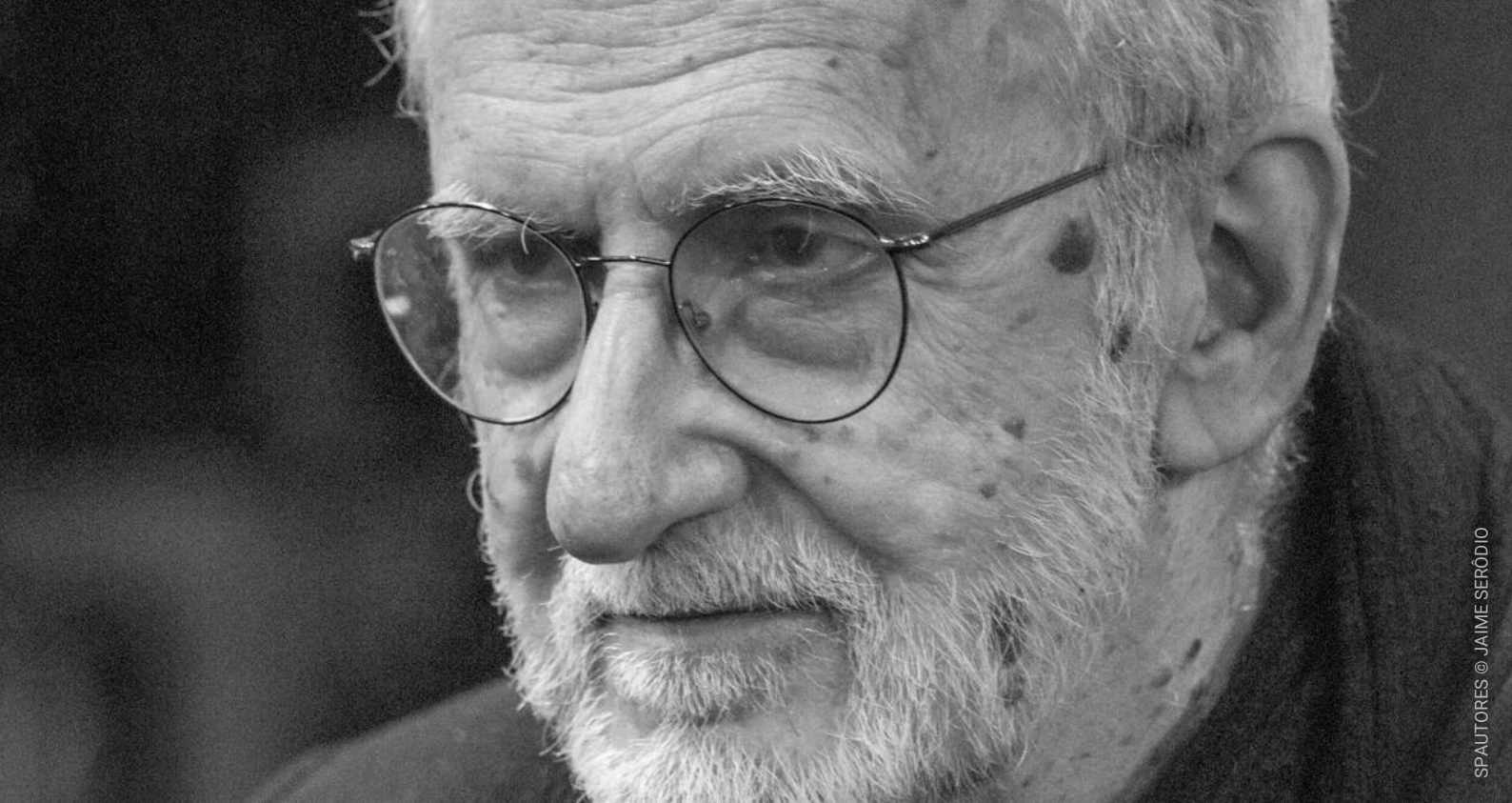
ções, houve alguns melhoramentos a fazer. Eu fiz uma tese sobre a ausência da música portuguesa no contexto europeu. É uma evidência. Com poucas excepções que são sempre relativamente específicas e pontuais, e implicam um preço a pagar. O nosso compositor mais internacional, Emmanuel Nunes, vinha a Portugal para ensinar, nos seminários da Gulbenkian, a partir de '83 a 2009, salvo erro. O “preço” foi viver sempre fora de Portugal. Em Paris, junto daquele núcleo mais estreito de música contemporânea e nesse contexto que continua a ser tocado, esporadicamente. Quando eu comecei a tocar Jazz ou, supostamente Jazz, estou a falar da fase em que tocava a música do Rão Kyao, quando ele tocava saxofone tenor, não tinha sido editado ainda nenhum disco de música Jazz, tocado por portugueses. Tinha sido gravado um, salvo erro, no antigo Saldanha, por iniciativa do Zé Duarte e foi um grupo parisiense e o americano Steve Lacy. Esse disco foi o primeiro de todos, mas o primeiro gravado com portugueses foi, facto, o Malpertuis do Rão Kyao e do qual eu participei, com uma imensa honra. Toquei em mais dois discos dele e, entretanto, cada um seguiu o seu caminho. Até toquei no disco de transição, que é o disco Estrada da Luz em que ele passa a tocar só flautas de bambu. Portanto, ele mudou de instrumento, o caso dele foi diferente do meu. Eu não mudei de instrumento mas mudei prática musical. Ele, de uma certa maneira, também, numa prática mais ligada ao oriente e um certo misticismo, que lhe é próprio. Tudo isto foi muito importante.

Falando do nosso contexto, há dificuldades conjunturais, talvez mesmo estruturais, que historicamente se mantêm.

Em boa parte, sim. O meu editor luta, como pode, contra as fotocópias, pronto. Protesta comigo porque parece que há algumas orquestras regionais, sobretudo, que, de vez em quando, não escapam ao uso das fotocópias. E, sobretudo, nas bandas filarmónicas há imensas fotocópias.



O nosso compositor mais internacional, Emmanuel Nunes, vinha a Portugal para ensinar, nos seminários da Gulbenkian, a partir de '83 a 2009, salvo erro. O “preço” foi viver sempre fora de Portugal.



Nas escolas de música, como eu próprio disse, no meu caso em datas que já lá vão, mas eu via entre os colegas daquela altura, anos '70 e '80, enquanto eu comprava as partituras, muitos tiravam uma fotocópia da sonata de Mozart que estavam a estudar. Eu comprava o volume completo. O meu interesse por aquela música já era muito mais amplo. Havia partituras que eram caríssimas ou muito difíceis de conseguir encontrar para comprar. Era muito difícil, algo que agora se simplificou, talvez, com a internet. Há possibilidade de contactar com uma editora, na Alemanha, e encomendar uma partitura e recebê-la passado três semanas ou duas. Tenho feito isso ao longo dos anos. De vez quando, lá vem uma que me interessa comprar e, pronto, compra-se a partitura. E, se calhar, é possível que daqui por alguns anos Portugal consiga superar este problema em particular. Mas falar da questão estrutural, provavelmente, não estávamos a falar apenas disto, mas no lugar que esta música ocupa nos media, nas televisões, quer dizer... Eu tocava para televisão nos anos '70 e '80 e, os músicos equivalentes àquilo que eu fazia na altura, se fazem ou tocam num ou outro programa de televisão será sempre na RTP, no canal do Estado, no segundo canal, lá para as duas da manhã. O último programa que eu gravei na sequência dos Solos, também um documentário feito pelo David Ferreira com extrema gentileza. Mas ele foi propor a uma senhora que trabalhava na RTP2 e aquilo passou, de facto, mas passou à uma da manhã. Outros nem essa sorte tinham. Alguns conseguiram aproximar-se, e ainda bem para eles, porque são práticas musicais



Eu percebo a teoria do Wagner, das obras de arte total, que ele apelidou às suas próprias óperas. Foi o primeiro a considerar a ópera dessa maneira.

que, não obstante, nas salas de concertos têm muito público. Aquela ideia de que não tem público..., quer dizer, não tem público para encher estádios de futebol. Entretanto, a música dominante do planeta Terra, global, não é? Essa música passou a ter o seu lugar próprio de enunciação não já a sala de concertos, mas o estádio de futebol. Os mega-concertos, os mega-festivais, e tudo isso.

Reúnem-se muitos milhares de pessoas num só espaço, mas nem sempre o que está a ser privilegiado é a música, mas um espectáculo, onde a música é um dos componentes. De resto, a qualidade do som pode sofrer com a utilização de alguns estádios ou salas sobredimensionadas.

Eu percebo a teoria do Wagner, das obras de arte total, que ele apelidou às suas próprias óperas. Foi o primeiro a considerar a ópera dessa maneira. Rossini, poucos anos antes dele, tinha, em vida, uma importância comparável à de Beethoven.

Esses espectáculos têm uma componente visual, com ecrãs, com foguetes, fogo de artifício, etc. Aquilo é, de facto, uma espécie de espectáculo total e a música é apenas um dos elementos.

Não é dada a primazia à música. Boa parte do público até confere a qualificação dos concertos em função da pirotecnia, da parte cénica, e tudo mais. E não estamos a falar só de concertos de Rock, Hip-Hop, o que for, mas também das grandes arenas onde se apresentam algumas óperas, e música clássica.

Estou de acordo, embora o mundo tenha mudado muito. Todo o arsenal tecnológico e piro-tecnológico associados a esses grandes eventos de massas... Quer dizer, aqueles festivais têm sempre muitos financiamentos e tem 40.000 pessoas a assistir. Há uma componente desses concertos que é quase mais importante que é a do happening. Equivale um bocado àquilo que o happening tinha sido nos anos 60, que é participar num ritual colectivo, de qualquer celebração das sucessivas gerações.

Por vezes, é uma deslocação colectiva. Compram-se passes por vários dias e, durante aqueles dias, há uma motivação para se estar naquele espaço, em conjunto, a viver algumas experiências, que não têm necessariamente que ver com a busca da música em primeiro lugar.

Estamos os dois de acordo nesse ponto de vista.

A condição autoral é, de certa forma, uma condição para a sobrevivência, não no sentido monetário, mas num sentido mais amplo?

Sim, é a minha vida. A minha vida foi compor e tocar música. Tocar, continuo a fazê-lo, embora tenha a doença de Ménière no ouvido esquerdo que me obriga a algumas limitações, mas terei de tomar alguns cuidados caso queira voltar a fazer concertos. Quando apareceu essa doença, tive uma forte depressão, coisa que não deixou de me acompanhar ao longo da vida toda. Com picos em determinadas fases, por esta ou aquela razão. Mas, naquele período em que fui obrigado a pôr tudo em causa, porque tinha a doença no ouvido esquerdo, um ruído permanente que interfere com a percepção, passei algum tempo sem ouvir música em casa. Isso coincidiu com a Pandemia. Houve uma sobreposição de factores muito maus.

Também a vida musical, assim por dizer, aquela que é feita de concertos ao vivo, parou, a nível global.

Esta área musical é extremamente rica, em criatividade e produção, e, ao mesmo tempo, extremamente dividida em múltiplas correntes, múltiplas tendências. Talvez esteja isso mais atenuado agora, do que nos anos 70 e 80, em que havia uma hegemonia ligada à música de vanguarda dos anos 50, dominava o ensino, praticamente, em toda a parte, Europa e, em parte, nos Estados Unidos também.



Tocar, continuo a fazê-lo, embora tenha a doença de Ménière no ouvido esquerdo, que me obriga a algumas limitações, mas terei de tomar alguns cuidados caso queira voltar a fazer concertos.

Hoje em dia, a diversidade impôs-se e, não como valor em si, mas como resultado da diferença das visões do mundo que se foram mostrando, que foram aparecendo. Continua a haver instituições ligadas a essa corrente, como é o caso do IRCAM, em Paris, mas, de facto, o IRCAM, do ponto de vista da hegemonia que exerceu nos anos 80, não é comparável. Continua a ter imensa importância, mas há muitos outros sítios, no mundo, onde há vias musicais, nesta área, com plena actividade.

Qual o espaço para a música clássica-contemporânea actualmente?

A música clássica-contemporânea, ou seja, a música moderna lato sensu, sem fixar um período histórico demasiado estrito, numa visão aberta do que isto poderá querer dizer, ela existe em todo o mundo. Mas existe como uma música minoritária, face à dominação global da música pop-rock dos estádios de futebol, festivais e tudo isso, que envolvem não só

milhares de pessoas, como milhares de dólares e milhares de euros, milhões, provavelmente. Isto existe, ao mesmo tempo, que existe uma crise na indústria discográfica. Entre os anos que eu comecei a tocar e a gravar discos e hoje, a diferença é fácil de contabilizar. Quando eu comecei havia sete multinacionais e hoje existem três. Compraram-se umas às outras e sobreviveram três grupos. Depois, há editoras mais pequenas que têm muita importância para que outras coisas, fora da visão dominante, das multinacionais, possam existir. No campo estrito da música clássica, há a dominação do repertório clássico romântico, digamos assim. De Bach a Wagner, ou a Stravinsky, se quisermos ser mais optimistas. Na minha investigação para tese, que apresentei na Universidade de Coimbra em 2010, e não estou completamente de acordo com as conclusões que aí tirei, mas a tese é importante, com muita informação. É evidente que tem um lado académico que era forçoso, dada a qualidade específica dos meus orientadores nessa área.

É um trabalho de investigação com as regras que lhe estão associadas.

É. Mas uma das coisas que pude verificar é que, embora a primeira manifestação tenha sido a propósito da música do Chopin, ou seja, estamos a falar dos anos 30 do século XX, houve um senhor inglês do fim da música clássica-contemporânea. Não exactamente em que termos agora neste momento, mas escreveu um livro em que anunciava o fim e essa ideia tem sido retomada por críticos ligados à música, por intelectuais ligados às artes, onde há uma quantidade razoável de polémicas. Mas também há alguma tensão entre aquilo que é institucional, ou seja, ao que é protegido e financiado pelas grandes instituições culturais, grandes fundações, como a Gulbenkian, a Rockefeller, e isso. A arte que, nos Estados Unidos, se chama *downtown*, que não é *uptown*, a oposição entre a elite universitária, que está no limbo da grande arte que ninguém percebe e não sei quê. No tempo em que o Steve Reich começou a trabalhar e a compor com outros minimalistas isso era patente. Havia compositores americanos que ensinavam nas universidades e que compunham música, derivada da música serial, com maior ou menor flexão associada, mas seguramente com muito pouco público. Os críticos chamavam-lhe *paper music* à música universitária. Às vezes era música feita para ser apresentada na instituição de ensino, mas que, na verdade, não se inscrevia na prática musical real.



No campo estrito da música clássica, há a dominação do repertório clássico romântico, digamos assim. De Bach a Wagner, ou a Stravinsky, se quisermos ser mais optimistas.

Era vista como algo experimentalista, e pouco mais?

A relação entre o todo social e essa música é uma relação marginal, de uma certa forma. Repare, se os músicos de Jazz, como eu era, nos anos 70 e 80, foram expulsos da televisão em Portugal. Não tocam na televisão, senão raramente. Do mesmo modo, a música clássica, senão mesmo muito raramente aparece. E tem de ser, geralmente, no canal 2 da RTP, quer dizer, as privadas não passam essa música. Nos Estados Unidos, eu fui lá duas vezes. Uma delas num festival importante que tem lugar em São Francisco, na Califórnia, e chama-se Other Minds. A primeira vez fui tocar com um grupo que se reuniu, em Amesterdão, para ir tocar aos Estados Unidos, através da iniciativa de um deles, em particular, e vivia lá. Eram aqueles músicos que estavam habituados a tocar nos clubes de Jazz que existiam em Amesterdão. Esse grupo foi tocar, salvo erro, em 89 a Atlanta, que fica no deep south, como eles dizem. Se as pessoas não viajarem às vezes criam mitos em relação ao que se passa fora de Portugal. E mitos que, normalmente, têm tendência para valorizar o lá fora e desvalorizar o cá dentro. Isto é uma forma de provincianismo.

A ideia que tende a persistir é que lá fora é tudo um paraíso e que aqui é tudo mau. Não é necessariamente assim, não só na música, como noutras áreas. Mas é inegável que Portugal tem um problema de escala. Temos muitas dificuldades em ter nichos de mercado.

Pois, é um país pequeno e macrocéfalo. É Lisboa e Porto, portanto, bicéfalo, digamos assim. Quando comecei a gravar com a EMI, era no Bairro Alto, numa daquelas ruas, não me lembro da rua. O edifício era verdadeiramente um palácio do século XVIII. E, actualmente, a Warner, que é a sua sucessora, tem um pequeno escritório no Parque das Nações. E a se -

de passou a ser em Madrid. Porque o mercado português deixou de ser capaz, por si só, de justificar a presença das editoras, com sedes aqui. Sendo que, nessas editoras e nessa altura, havia uma distinção radical entre o catálogo internacional global, geralmente, da Inglaterra ou dos Estados Unidos, onde estavam, naqueles anos, os artistas globais. Isso era o catálogo internacional e, depois, cada país tinha as suas secções locais.

Steve Reich, como exemplo, acaba por movimentar público e seguidores porque a música dele acabou por se tornar muito mais... mainstream?

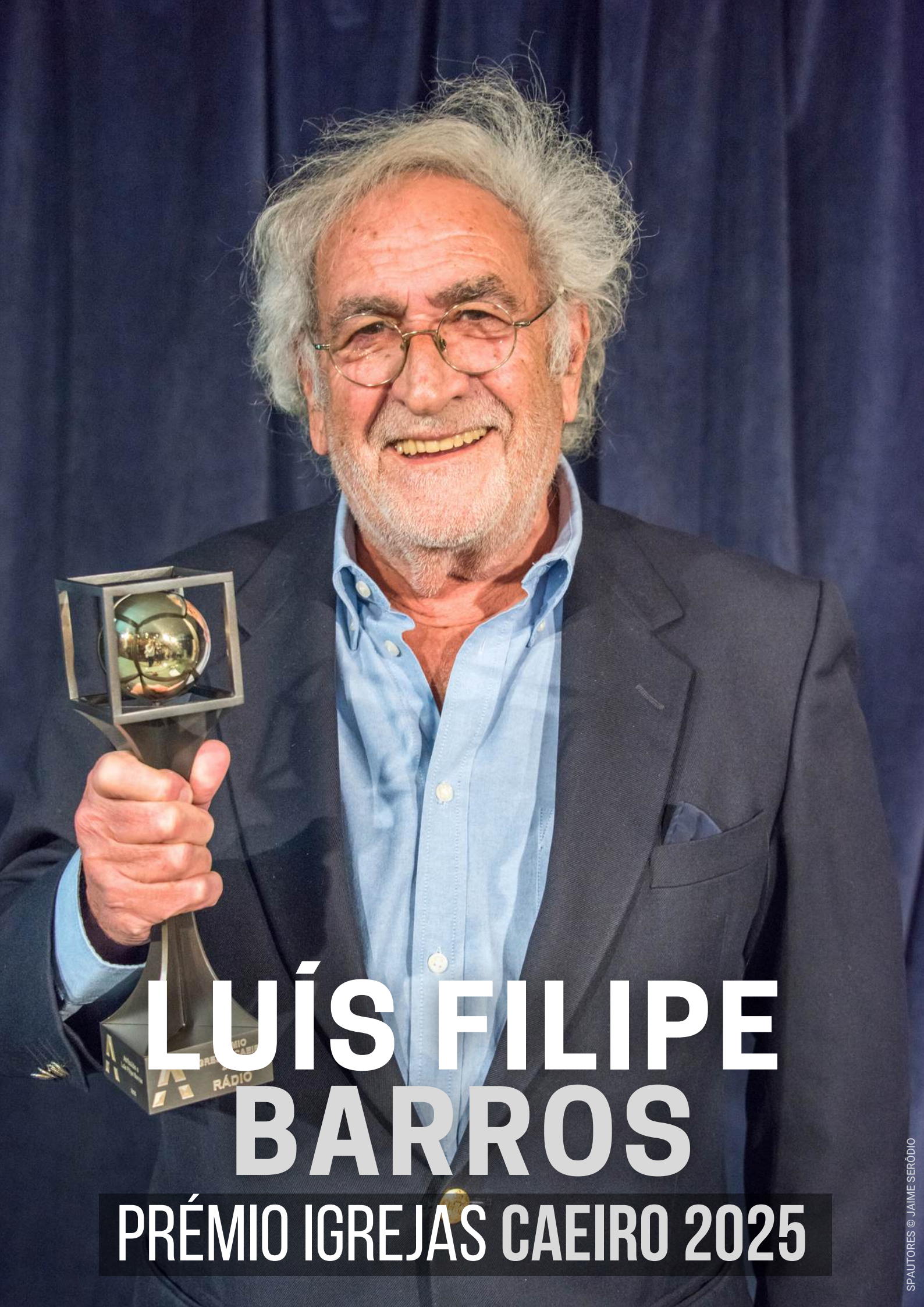
Não vamos ter medo da palavra, não é? Por exemplo, o Krautz, na história da música nos anos 80, era o livro recomendado nos conservatórios e era uma sucessão de grandes compositores, grandes estilos, numa sucessão de dominação de estilos, do período maneirista, ao período da renascença e depois é o barroco e o romântico... Era assim tudo um bocado visto a partir da lógica binocular dos grandes nomes e dos grandes estilos. E o Steve Reich, tal como o Philip Glass, naquela altura tocavam em museus de arte contemporânea. Não tocavam em salas de concertos.

Não eram levados a sério por músicos clássicos que, aliás, tinham dificuldade em tocar aquela música, o que se pode perceber, porque é muito específica.

Até de curiosa notação.

Tomei conhecimento da música do Steve Reich quando comprei um LP, talvez em 1979, ainda nem tinha começado a gravar os meus discos. *Comprei Music For Eighteen Musicians*, um LP da ECM New Series. Eu soube, há mais ou menos 20 anos, que a partitura dessa peça só foi escrita e publicada enquanto tal, pela Boosey & Hawkes que está sempre atenta aos compositores de sucesso e incluiu o Steve Reich na sua casa. Essa partitura foi escrita porque o L'Ensemble Moderne quis tocá-la num concerto e não havia. Teve de ser feita, porque os músicos que sempre a tinham tocado, eram o Steve Reich and Musicians, e tinham assim uns apontamentos, que não tinham nada que ver com a notação musical tradicional. Muitas partituras comprei na Inglaterra, antes do Brexit. Mas pronto, estava a dar-lhe razão contando um caso concreto de uma peça particular, que é, genericamente, considerada uma obra-prima daquela corrente e uma obra-prima absoluta, de facto.





LUÍS FILIPE BARROS

PRÉMIO IGREJAS CAEIRO 2025



Luís Filipe Barros foi distinguido com o Prémio Igrejas Caeiro 2025, numa cerimónia que decorreu no dia 15 de Abril, no Auditório Maestro Frederico de Freitas (SPA), e contou com a presença de José Jorge Letria (Presidente da SPA), Luís Filipe Barros e Rui Filipe Barros.

A propósito do prémio, agradecendo à presidência e à direção da SPA, o radialista referiu que **“é gratificante fazer parte de uma instituição que valoriza os seus cooperadores”**.

O prémio não lhe surgiu de modo previsível, como explica: “Foi com grande surpresa que tomei conhecimento que iria receber este prémio, porque nunca me esqueci que, após a minha fase da Rádio Renascença, ter sido expulso da rádio, tive um hiato ali de quatro anos, **foi o Igrejas Caeiro, que era então diretor da Antena 1, que me chamou**, e me disse que eu não ia voltar para a rádio, mas iria para o Minis -

tério do Comércio e Turismo, para o Gabinete da Defesa do Consumidor, que tinha uns programas na rádio, que eram o Toma Lá, Dá Cá e o Pão Pão Queijo Queijo, e eu aceitei”. Em tom de desabafo, mostrando a relevância do seu encontro com Igrejas Caeiro, acrescentou: “Foi a minha maneira de voltar à rádio.” (...) “O Igrejas Caeiro foi sempre uma pessoa a quem fiquei ligado.”

Evidenciando a sua relação com o meio radialístico e o seu público, e como encara o momento: **“Eu não sou mais do que o resultado da confiança que muitos milhares de ouvintes depositaram em mim** ao longo de todos estes anos e por isso estou feliz e agradecido por ter contribuído para a saúde musical da rádio”.

**SOBRE A SPA, LUÍS FILIPE BARROS AFIRMA:
“É GRATIFICANTE FAZER PARTE
DE UMA INSTITUIÇÃO QUE VALORIZA
OS SEUS COOPERADORES”.**

GALERIA DE FOTOGRAFIAS



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

A **VIDA** É UM MISTÉRIO QUE O **TEATRO** AO LONGO DOS TEMPOS TENTA DESVENDAR.

O Teatro despe a vida, provoca a vida, acolhe a vida, retrata a vida, transforma a vida, insulta a vida, e tem também o génio, e a liberdade, para fazer tudo isto ao contrário.

No teatro cria-se, reciam-se realidades nem

sempre mansas de enfrentar, mas por isso mesmo de grande poder transformador.

Pela palavra, pelo gesto, pela expressão de um olhar, de um corpo, pelos trajes, pelo cenário, pela luz, pelo som, o teatro espevita o mundo, estimula, questiona, subverte, diverte, aplaude, critica, surpreende, desperta.

O Teatro, derruba muros, é vanguardista, enfrenta os medos, e reunindo em si a literatura, a poesia, a pintura, a música, e outras artes, é um poderosíssimo agente de mudança. O Teatro e as suas máscaras desmascaram.

Ele é um espelho gigante onde se confrontam realidades, desafiam preconceitos e se inspiram novos futuros.

É um reflexo de quem somos, um espaço onde as nossas lutas, inquietações e esperanças mais profundas ganham vida.

No palco dá-se voz aos marginalizados, expõem-se injustiças, e somos convidados a olhar muito além da nossa trajectória pessoal, a viver outras vidas e experiências, desvanecendo os muros erguidos pelo medo e ignorância do que é diferente.

Desenganam-se os que vêm no teatro um mero entretenimento, e não valorizam a sua incalculável importância social e cultural. Os que enredados em políticas fiscais e monetárias, viram as costas à arte e aos artistas,

esquecendo que a cultura é a maior riqueza de um país. Os que nos fazem repetir geração após geração, que os actores, o teatro e todos o que nele trabalham, merecem reconhecimento e apoio para prosseguirem com dignidade na sua missão.

Por outro lado, o sexismo não pode ignorar, e muito menos apagar, o valor inestimável da Mulher na cultura. Queremos ver mais textos que reflexionem sobre as questões das mulheres, mais encenadoras, mais cenógrafas, mais figurinistas, mais personagens femininas complexas e ricas de interioridade, para as nossas actrizes explorarem todo o seu potencial, mais mulheres na direcção dos teatros.

Numa época em que o racismo, a xenofobia, a homofobia e o sexismo estão a ressurgir com uma força alarmante, não nos podemos dar ao luxo de permanecer em silêncio. Estas forças de divisão e opressão ameaçam não só os indivíduos, mas o próprio tecido das nossas sociedades. E perante a escuridão, a arte – especialmente o teatro – tem o poder de ser um farol de resistência, verdade e transformação.

Todos, sem excepção, merecem que a sua história seja contada. Todos, têm o direito de pertencer. No Teatro não existem fronteiras, nem divisões entre os humanos.

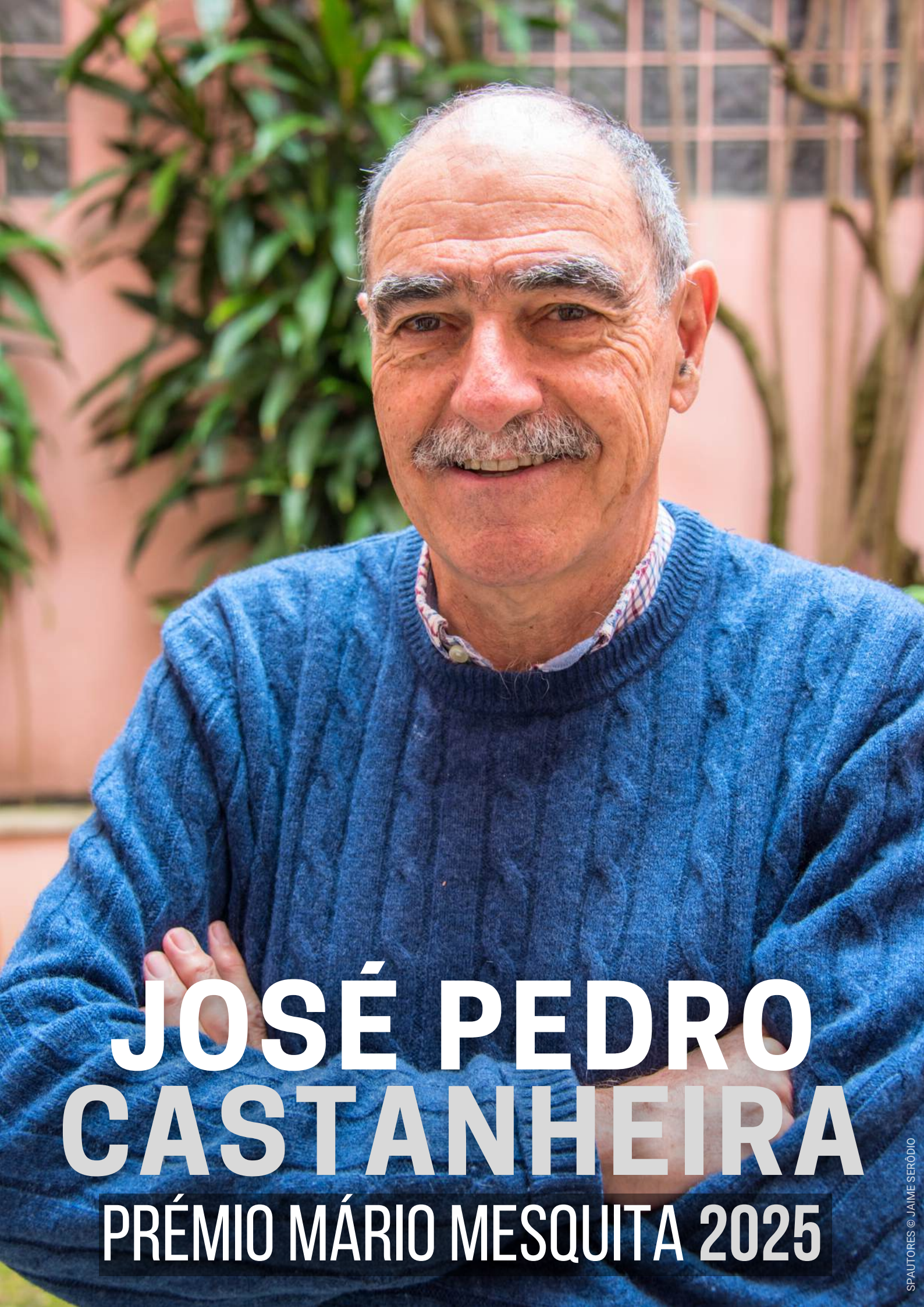
No Teatro luta-se pela justiça, desafia-se a cegueira e a obstinação, quer através do riso, do texto poético, do diálogo realista ou surreal. O pano sobe, não para nos levar a um espaço de fuga, mas para nos propôr um convite à experiência emocional, ao estímulo da razão, à fruição de inúmeros sentidos.

Já não subo às árvores e também tenho subido menos ao palco.

Mas a minha voz sobe, hoje e sempre, para juntar-se à vossa, e gritarmos firme e orgulhosamente : **Viva o Teatro!**

ANA ZANATTI





**JOSÉ PEDRO
CASTANHEIRA**
PRÉMIO MÁRIO MESQUITA 2025



No passado dia 22 de abril a **Sociedade Portuguesa de Autores acolheu o jornalista** para lhe entregar o prémio perante um auditório repleto de camaradas de profissão.

Distinguido pela SPA, lembrou a sua **relação com Mário Mesquita**: “devo-lhe a honra de ter sido por ele identificado, num longo ensaio de 1987, como um dos pioneiros em Portugal no que ele designava de jornalismo investigativo. Essa foi uma primeira medalha com que o Mário me brindou. Uma outra, por interpostas pessoas ou instituições, é este prémio. Muito diferente de anteriores distinções que me foram conferidas, posto que é um prémio de carreira – e já lá vão 51 anos.”

Sobre **o jornalismo, que apelidou de melhor profissão do mundo**: “É realmente uma profissão apaixonante. Não me canso de o dizer e gritar aos quatro ventos. Sobretudo aos estudantes de comunicação social, quando sou convidado a ir dar uma ou outra aula, em que, no essencial, lhes conto as minhas aventuras de jornalista, que tem tido imensa sorte. Porque a estrelinha da sorte também é indispensável, e ela tem-me bafejado constantemente. Fui, ou sou, um jornalista feliz.

Com muita sorte.”

Ainda sobre a sua profissão, não se coibiu de chamar a atenção para alguns perigos: **“Os ventos que correm chegam a ser arrepiantes**. Vivemos tempos em que campeia a desinformação, a instrumentalização, a difamação, as campanhas, a mentira, com a violação das regras mais básicas do jornalismo.

Quando há vozes insistentes, e com cada vez mais influência e poder, a vociferar contra a regulação do que quer que seja, não tenho dúvidas que, pelo contrário, **a regulação da comunicação social é cada vez mais necessária**. Começando pela autorregulação.

Uma autorregulação que passa por normas e instrumentos como o código deontológico, os livros de estilo ou códigos de conduta ao nível empresarial, os conselhos de redação, os provedores (dos leitores, dos ouvintes ou dos espetadores) e pelas organizações profissionais dos jornalistas. **Uma autorregulação levada a sério**, atenta, vigilante, competente, criteriosa, exigente, com uma autoridade suficiente nos planos ético e profissional que a capacite, se necessário for, para aplicar sanções.

**“SEREI PORVENTURA IRREALISTA, TALVEZ INGÉNUO,
MAS CONTINUO A ACREDITAR FIRMEMENTE NO FUTURO
DO JORNALISMO – DA SUA QUALIDADE, DA SUA INDEPENDÊNCIA,
DA SUA NECESSIDADE ENQUANTO SERVIÇO PERMANENTE
E INDISPENSÁVEL À OPINIÃO PÚBLICA, DA SUA SOBREVIVÊNCIA
ENQUANTO PROFISSÃO. A MENSAGEM NUNCA DISPENSARÁ
UM MENSAGEIRO QUALIFICADO, INDEPENDENTE, RECONHECIDO
E RESPEITADO.” JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA**

GALERIA DE **FOTOGRAFIAS**



NAS FOTOS: JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA, JOSÉ JORGE LETRIA, JOÃO GARCIA E ANA MESQUITA.

EX POSI ÇÃO

CARLOS PAREDES



© JAIME SERÔDIO / SPAUTORES

No espaço do piso 0 da sede da SPA, patente ao público, desde o dia **12 de Fevereiro de 2025**, uma mostra exclusiva de fotografias e objetos pessoais de Carlos Paredes, incluindo a sua **icónica guitarra de concertos**. Este espólio, doado à cooperativa, será exibido pela primeira vez, proporcionando uma oportunidade única para conhecer de perto o legado deste grande mestre da guitarra portuguesa.

VISITE A EXPOSIÇÃO

 **Quando:** De Segunda a Sexta-feira, das 09h às 19h.

 **Onde:** Piso 0 (SPAUTORES),

Avenida Duque de Loulé N°31 - Lisboa

ENTRADA LIVRE

TIAGO BETTENCOURT

PRÉMIO JOSÉ DA PONTE 2025

O prémio, oferecido pelos pares e agora recebido, era ambicionado?

Eu aprendi durante estes vinte e tal anos de carreira a não ambicionar prémios. Aliás, o Nick Cave tem uma frase engraçada que é “A minha música não é um cavalo de corrida.”,

mas tem mais que ver com aqueles prémios em que há mais nomeados e depois um ganha... Este, realmente, por não haver um concurso, sinto-me lisonjeado e muito feliz. Acho que é natural em mim não ficar fascinado e dizer que sou o maior. Acho que é uma coisa muito simpática que me aconteceu. E esta coisa, que também disse agora, que, no princípio, aprendi a ver os prémios como um encadear de acasos e, se calhar, nas conversas que têm tido cá, falou-se em mim e que era boa ideia. Como poderiam ter falado, olhe, do Noiserv, que está aqui, e da Selma, ou a Márcia, ou outra pessoa qualquer.

A Márcia já foi. Já não é um bom exemplo.

Exactamente, a Márcia já foi. Mas, obviamente, eu não sinto que não mereça. Tenho muito orgulho no trabalho que faço, sei que a minha cabeça está no sítio certo quando o faço, que já faço isso há muito tempo e que é uma luta. É, realmente, uma luta. De vez em quando, receber um abraço destes é simpático. O último abraço destes que recebi foi em 2003, com o prémio de Melhor Música com a Carta. É um momento simpático.





Por outro lado, também fiquei muito feliz que a Paula Homem tivesse cedido e tivesse falado aqui. A Paula Homem é uma força muito importante na minha carreira, uma conselheira com que eu posso contar. E o Tozé Brito, que foi quem me introduziu no mundo da música. Isso também teve um poder muito simbólico para mim.

Sei que vai haver um jantar de celebração.

É porque nós temos um pequeno grupo de músicos. E a Márcia disse “Eu vou.” Depois a Marta também disse “Eu também vou.”. Então, eu pensei, vamos aproveitar e fazer um dos nossos jantares, a seguir. Não é bem celebração, mas é para aproveitar o momento.

Não é numa lógica de celebrar os bons momentos, como este?

Eu acho que não. Aliás, eu não convidei ninguém, mas podia ter convidado muita gente. Sei lá. Estou numa altura da minha carreira em que já não chateio as pessoas. Mesmo para os concertos, houve uma altura que eu convidava os meus amigos todos, depois ficava ofendido se não iam. Hoje em dia, eu não quero chatear as pessoas, mas fico muito contente quando aparecem... Se calhar, se um dia ganhar um prémio Nobel, vou convidar algumas pessoas! Se for assim



Estou numa altura da minha carreira em que já não chateio as pessoas.

uma coisa... Como é que se diz? Um prémio surreal! Mas este é um prémio de amigos para amigos, por isso acho que quem quiser aparece, quem não quiser não aparece, e foi assim uma coisa caseira, bonita e fiquei muito agradecido.

A Paula Homem referiu uma parte estética, para a além da música, como um cuidado, que eventualmente estará ligado com a arquitectura.

Eu venho do curso de arquitectura, por isso, inevitavelmente, a primeira capa (e de tudo o que é a parte visual), sempre foi muito importante para mim. E, sim, sempre estive em cima das capas dos discos, dos vídeos, da cenografia toda. Como é que são as luzes? Que impacto é que eu quero que tenham?

Nunca fui muito de dizer que roupa é que a banda há-de usar, mas digo, por exemplo, “Não usem branco, porque não resulta”. Pormenores assim. Ligo muito à parte estética.

Não será por acaso que o primeiro álbum se chama Esquissos.

O primeiro álbum chama-se Esquissos, exactamente, vindo da arquitectura. Vou beber muita inspiração aos museus que vejo, aos filmes que vejo, aos concertos a que vou. As viagens que faço e, quando viajo, vou visitar museus. Há uma música do próximo álbum que fala, em segredo, de uma exposição do James Turrell, que eu fui ver em Salta e que é uma província da Argentina, no meio do nada. Essas coisas comovem-me, essa parte estética visual está sempre comigo, sim.

Mas é uma vida encarada com uma certa leveza e atenção à sorte?

É um bocadinho. Esta coisa de ter um curso, completamente diferente, no princípio da minha carreira, deu-me sempre uma visão mais abrangente do que poderia ser o meu futuro. Ou seja, o meu futuro não começava, nem acabava na música. Estava a fazer, simplesmente, aquilo que me estava a divertir, na altura, que era fazer música com os meus amigos. Por acaso, havia pessoas que queriam ouvir. Se me iam ouvir durante muito tempo, era-me um bocado indiferente. Hoje em dia, eu já não me vejo a fazer outra coisa, mas, naquela altura, era realmente indiferente. Fazíamos coisas meias loucas em cima do palco, porque estávamos a fazer pelo simples gosto, ou pela simples piada de fazer uma coisa absurda em cima do palco. Éramos miúdos a divertirmo-nos. Essa leveza, que hoje em dia, é bastante mais rara, porque a profissão de músico já é muito mais usual. E os miúdos, nos programas de talentos, dizem “porque a música é a minha vida, se eu não for para música, não sei o que eu hei de fazer”, e depois isso também dita as próximas decisões que esse artista vai ter e, passados uns anos, anda a fazer uma orcaria de repertório, porque a escolha foi a busca, ao invés de identidade. Foi por sucesso. Houve vários acasos, na minha vida, que fizeram com que as minhas escolhas fossem, para mim, as certas, muitas vezes as erradas, mas essas foram facilmente corrigíveis, tipo programas de televisão, onde eu não devia ter ido... Mas, as grandes escolhas, tenho a sensação de que as fiz bem.

Aquela música, de uma fase, mais ou menos, adolescente com o sempre sempre presente, continua a fazer sentido?

Acho que sim. Desde pequenino que vejo muito os padrões! Os padrões em tudo, nas coisas mais parvas. Eu reparo facilmente que um amigo meu repete muitas vezes a mesma palavra. Como vou também ver uma entrevista minha e, de repente, percebo que eu digo muitas vezes “percebes?” E fico “Eh pá, que irritante”. Ou padrões de comportamento. Por isso, acho que por ter crescido muito tímido, sempre olhei para o mundo, um bocadinho, de fora. Isso faz parte da minha escrita. Dar um passo atrás e perceber esses padrões do comportamento humano e questionar-me sobre ele. Esse olhar eu acho que se mantém.

A ideia de que há uma fome de continuar, 20 anos depois.

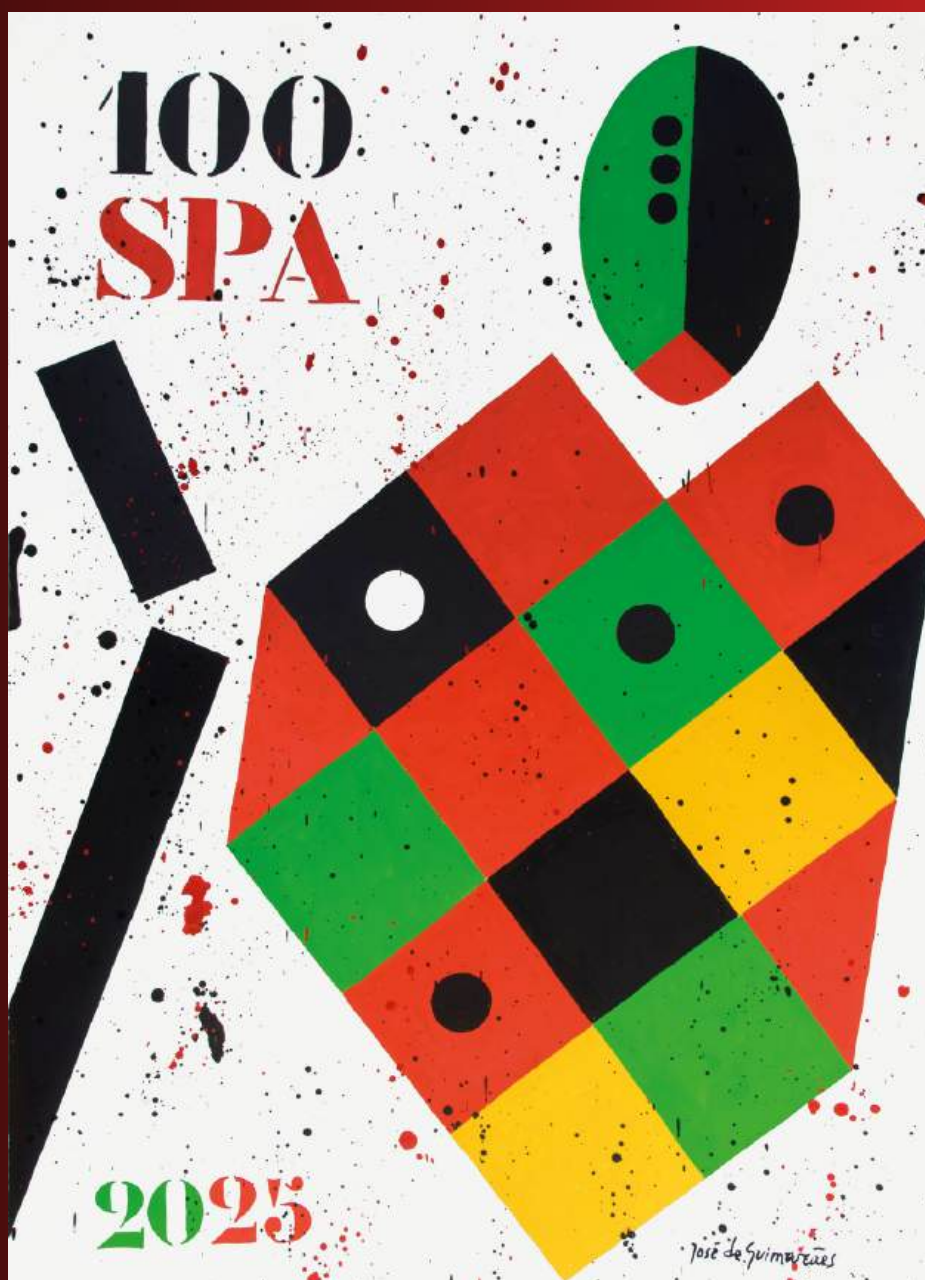
Completamente. Eu estou agora a gravar o álbum novo e o esforço que estou a fazer para não soar a nada que eu já tenha feito é... sobre-humano!

Vindo da mesma pessoa pode ser um desafio!

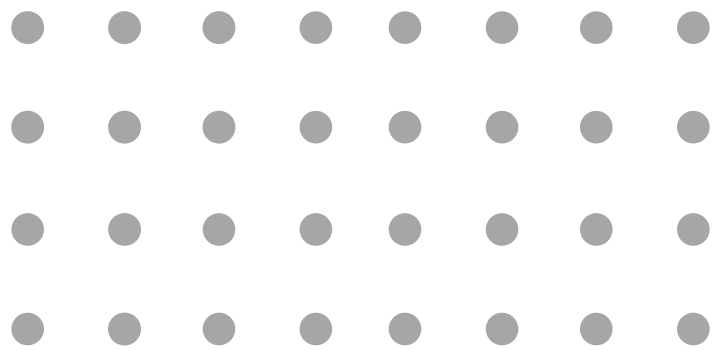
Até um bocado exagerado! Realmente, preciso disso. Preciso de fazer qualquer coisa e que não soe a outra coisa que já tenha feito, nem a qualquer coisa que tenha ouvido. Gosto desta ambição que tenho, acho que é isso. Lembro-me que quando lancei o álbum Do Princípio, pedia muito às pessoas para ouvirem os meus álbuns como se nunca me tivessem ouvido antes. Porque tinha que ver com o conceito do álbum. E o que eu peço em todos os álbuns, no fundo. Desde a Carta, até à Morena e à Se me deixasses ser, e por mil outras músicas, acho que posso estar num sítio, como posso estar noutro extremo, e isso é muito bom. Olhar para a minha carreira e perceber isso, que ando sempre, um bocado, à procura e que às vezes perco público, outras vezes ganho público, mas há sempre pessoas que ficam tocadas com o que eu faço, graças a Deus, e que me fazem existir. Porque, senão fosse o público, eu já cá não estava. Vou andando, sem exageros, quase em velocidade cruzado. 

Dia do Autor

100º Aniversário da SPA



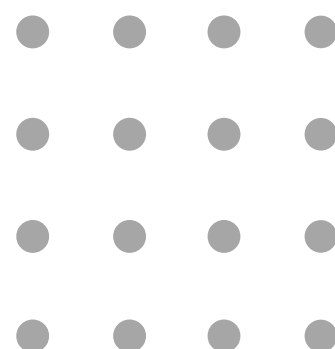
22 DE MAIO DE 2025



MEDALHAS DE HONRA

SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE **AUTORES**

2025





RENATO JÚNIOR

A título póstumo

A distinção foi recebida por Jasmim Teixeira.



ALFREDO CUNHA

"Muito obrigado por este prémio. (...) Fui feliz na minha profissão".



ANTÓNIO GAMEIRO MARQUES

Gabinete Nacional de Segurança
"A vossa visão [SPA] é do futuro."



MARGARIDA MANO

"100 anos de uma casa onde os autores defendem os autores, (...) é disto que nós precisamos."



RAQUEL HENRIQUES DA SILVA

"Agradeço muito à Sociedade Portuguesa de Autores."



VITOR SERRÃO

"Espero que a SPA, como até aqui, continue a afirmar valores fundamentais (...)"



IRENE FLUSER PIMENTEL

"Queria muito felicitar pelos 100 anos, em ditadura e em democracia, a Sociedade Portuguesa de Autores."



**FUNDAÇÃO MÁRIO SOARES
E MARIA BARROSO**

A distinção foi recebida por Isabel Soares.



JORNAL DO FUNDÃO



**BORDALO PINHEIRO
VISTA ALEGRE**



**FESTIVAL LITERÁRIO
DE ÓBIDOS**



**FUNDAÇÃO
LIVRARIA LELLO**



FUNDAÇÃO ORIENTE



VEJA AQUI
FOTOS E VÍDEO
DA ENTREGA DO PRÊMIO

Dia do Autor
100º Aniversário
da SPA

FUNDAÇÃO DE SERRALVES

A distinção foi recebida pelo Engenheiro Armando Cabral,
em representação da **Fundação de Serralves**.

PRÊMIO VIDA E OBRA 2025



LUÍS CÍLIA

PRÉMIO CONSAÇÃO DE CARREIRA
DA SPA 2025

SPAUTORES



ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

*A distinção foi recebida pelo presidente da associação,
Vasco Lourenço.*

PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA DA SPA 2025

SAMUEL ÚRIA

ACTUAÇÃO NO **DIA DO AUTOR PORTUGUÊS**

O autor tocou e cantou alguns dos seus sucessos
para o público presente nas comemorações do Dia do Autor.





CTT LANÇAM EMISSÃO FILATÉLICA DOS **100 ANOS DA SPA**



100 Anos da SPA

DIA DO AUTOR PORTUGUÊS

O Dia do Autor e o Centenário da Sociedade Portuguesa de Autores foram celebrados com emoção e alegria. Um dos momentos altos da comemoração foi o cantar dos parabéns, acompanhado pela guitarra e pela voz inconfundível de Samuel Úria, que deu um tom especial à celebração.

Entre aplausos, sorrisos e o som da música, foi partilhado o bolo de aniversário que simbolizou um século de defesa, união e valorização dos autores portugueses. As fotografias do momento captam a alegria coletiva e o espírito de partilha que marcam a história da SPA.

GALERIA DE FOTOGRAFIAS



PRÉMIO AUTORES 2025

TODAS AS **FOTOS E VÍDEOS**
AQUI



Realizou-se no dia **18 de Setembro**
a entrega na SPA
dos **Prémios Autores 2025**

PRÉMIO
AUTORES
2025

VENCEDORES

2025

ARTES PLÁSTICAS



RTP1 "SHINING INDIFERENCE"
de Luísa Jacinto (MAAT - Lisboa)
MELHOR EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS

Autoria: **Luísa Jacinto**

"CAUSA PRÓRIA" RTP1
MELHOR TRABALHO DE FOTOGRAFIA

Autoria: **Luísa Ferreira**



"MONÓCULO, RETRATO DE S. VON HARDEN"
MELHOR TRABALHO CENOGRÁFICO

Autoria: **Marisa Fernandes**

DANÇA

"A PEDRA, A MÁGOA"
de Daniel Matos
MELHOR COREOGRAFIA



"Inês Campos em 'Fio^' de Inês Campos
MELHOR BALARINO/A

O prémio foi recebido por Maria Lis (irmã da vencedora),



RÁDIO

"POP UP" - Rádio Observador
de Tiago Pereira, Maria Ramos Silva, Bruno
Vieira Amaral e Pedro Boucherie Mendes
MELHOR PROGRAMA DE RÁDIO



LITERATURA

"INVENTOR DE ESQUECIMENTOS"
de António Canteiro
MELHOR
LIVRO DE FICÇÃO NARRATIVA



"DITA DOR", Texto e Ilustração de
António Jorge Gonçalves
MELHOR
LIVRO PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE



PRÉMIO
AUTORES
2025

VENCEDORES

2025

MÚSICA



“CITY OF GLASS”
de Daniel Bernardes

MELHOR TRABALHO DE MÚSICA ERUDITA

“SUSPIRO” de Maria Reis

MELHOR TRABALHO DE MÚSICA POPULAR

O prémio foi recebido por Júlia Reis (irmã da vencedora),



“ONLY LIGHT” de Ray

MELHOR TEMA DE MÚSICA POPULAR

“A CONSPIRAÇÃO” RTP1

MELHOR PROGRAMA DE INFORMAÇÃO

Autoria Jornalística: **António-Pedro Vasconcelos**

O prémio foi entregue à filha do autor,
Patrícia Vasconcelos.



“MATILHA” RTP 1

MELHOR PROGRAMA DE FICÇÃO

Autoria: **Edgar Medina**

Realização: **João Maia**

CINEMA

“O TEU ROSTO SERÁ O ÚLTIMO”,
de Luís Filipe Rocha

MELHOR ARGUMENTO E
MELHOR FILME



Sara Barros Leitão, em
“O melhor dos mundos”,

MELHOR ACTRIZ

O prémio foi recebido por Rita Nunes (realizadora do filme),



Vítor Roriz em “O bêbado”

MELHOR ACTOR



PRÉMIO
AUTORES
2025

VENCEDORES

2025

TEATRO



**“UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO”,
encenação de Bruno Bravo**

MELHOR **EXPECTÁCULO**

**Sara Barradas em
“Se acreditares muito”**

MELHOR **ACTRIZ**



**Nuno Nunes em
“Um eléctrico chamado desejo”**

MELHOR **ACTOR**

**“CORDEIROS DE DEUS OU SOLDADOS
DA ESPERANÇA” de Elmano Sancho**

MELHOR **TEXTO
PORTUGUÊS REPRESENTADO**



JÚRI

LITERATURA:

Annabela Rita | Rita Pimentel
Teresa Carvalho

TEATRO:

Ana Maria Ribeiro | Helena Simões
Fernando Dacosta

MÚSICA:

Eurico Carrapatoso | Miguel Ângelo
Paulo Furtado

CINEMA:

Inês Lourenço | Jorge Leitão Ramos
Rui Tendinha

TELEVISÃO:

Isabel Medina | Jorge Paixão da Costa
Paulo Sérgio dos Santos

ARTES VISUAIS:

Alexandre Almeida | Gonçalo Pratas
José Manuel Castanheira

RÁDIO:

António Sala | Henrique Amaro
João David Nunes

DANÇA:

Cláudia Galhós | Maria João Guardão
Pedro Mendes

CONHEÇA TODOS
OS **NOMEADOS**
E **VENCEDORES**
PRÉMIO AUTORES **2025**



MENSAGEM DA SPA

DIA MUNDIAL DA MÚSICA 2025



«Les oiseaux sont des artistes bien plus grands que nous, les humains». Esta frase de Olivier Messiaen, compositor francês novecentista de obra façanhuda, é curiosa. Naïveté em estado puro, um dito azul-bebé, dir-se-ia no regaço da sinestesia reclamada pelo compositor que via cores precisas na música.

Na busca de um efeito retórico? Mais parece. Fosse uma afirmação feita num registo sério e ficaria mais intrigado. Isto porque tal frase, lá no fundo do fundo, parte de uma visão da arte que não era, por certo, a de Messiaen: arte nascida na pulsão da mimesis, arte como imitação da natureza e, na sequência expandida de tal raciocínio, na incapacidade de os humanos imitarem a natureza mais a passada nela incluída, tamanha é a transcendência de seus cantos insondáveis.

E é bem verdade que são insondáveis. São bichinhos talentosos, sem disso terem consciência, contudo, apenas veículos de um dom que neles a natureza verteu de tal forma que, nos rituais de marcação de espaço, de luta pela comida, de conquista amorosa, de louvor da alvorada ou de acção de graças pelo ocaso, nos entontecem em tais gorjeios. Estes pássaros mais dotados que aqueles, também é certo: aqui mais pausados, além mais activos, estes mais rítmicos, aqueles mais melismáticos. Visto assim, mais parece que os bosques sombrios da doce França e arredores têm à sua disposição uma orquestra natural, sem consciência sindical, à qual nem sequer falta o oboé — o rouxinol — ou a flauta — o tal melro que Guerra Junqueiro bem conhecia.

Vale a pena imitá-los, *stricto sensu*? Não. Transcender-nos-ão sempre nas suas soluções improvisadas ao momento, no rasgo de sua agilidade e leveza, na imponderabilidade que, no voo das suas asas, os aproximam ao céu como corpos celestes.

Mas daí a afirmar que são artistas maiores que nós, os humanos, tem muito que se lhe diga.

A arte tem fitos maiores do que imitar a natureza. Nem a vida, quanto mais a natureza. Disso se libertou já no Renascimento e no triunfo da depuração abstracta. Antes disso, já na Idade Média navegaram os compositores em mares intangíveis ao ouvido nu, alicerçando infinitos à altura dos pináculos das catedrais. *Ars Nova*, *Ars Subtilior*, assim nomearam os autores do *trecento* a sua arte, com consciência de seus achamentos.

A arte é o produto depurado da criação: passou pelas dores do desassossego, perscrutou o profundo da alma, roçou a loucura, e tantas, mas tantas vezes a ela se abraçou a fumar cigarros pensativos. Que se saiba, nunca um passarinho se deitou no divã de Freud. E não fuma cigarros pensativos. Não é louco, não perscruta o profundo da alma nem tem as dores do desassossego. Sabe lá o que isso é. Limita-se a chilrear, clamando pelo seu espaço, pela sua amada, pela sua comida. Tem essa ferramenta talentosa que encanta os humanos mas que nunca constituirá, na articulação de seus talentos espontâneos, um discurso coerente, consistente, formal, abstracto, intangível, inefável, enfim, um discurso feito arte.

«Les oiseaux sont des artistes bien plus grands que nous, les humains». Ter-se-á tratado de simples ironia? Bem provável. Quem sabe se o célebre compositor ornitólogo não queria afirmar, lá no fundo, no fundo, que «Les humains sont des artistes bien plus grands que vous, les oiseaux». Mas a banalidade seria tal, e de tal forma literal, que não haveria necessidade, tampouco coragem, de a escrever.

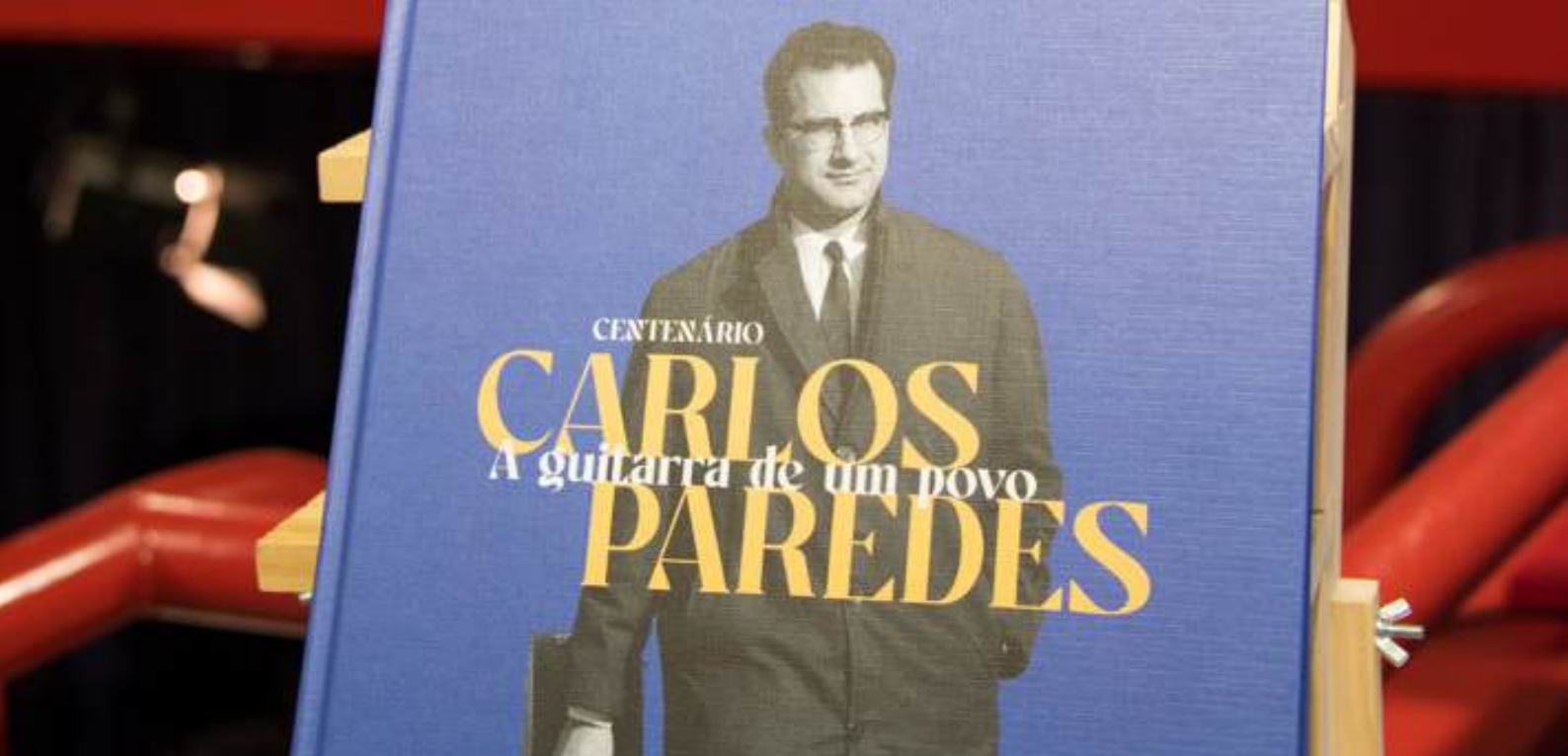
A arte não é grátis. A arte custa.

Citando Pessoa com dupla corruptela:

**Sem a música que é o homem
Mais que a ave sadia,
Cadáver adiado que procria?**

EURICO CARRAPATOSO

1 DE OUTUBRO DE 2025



LANÇAMENTO DO LIVRO

CARLOS PAREDES

A GUITARRA DE UM POVO



Assinalando o centenário de nascimento de **Carlos Paredes**, foi apresentado no passado dia 12 de Fevereiro, na SPA, o livro **Carlos Paredes – A Guitarra de um Povo**, da autoria de **Octávio Fonseca**. A sessão decorreu no Auditório Maestro Frederico de Freitas e contou com a presença de **José Jorge Letria**, **Luísa Amaro**, **José Moças** e do autor. A obra presta homenagem ao génio da guitarra portuguesa e ao seu legado na música nacional.



© JAIME SERÓDIO / SPAUTORES



ANTÓNIO JOSÉ TEIXEIRA RECEBE

MEDALHA DE HONRA DA SPA



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

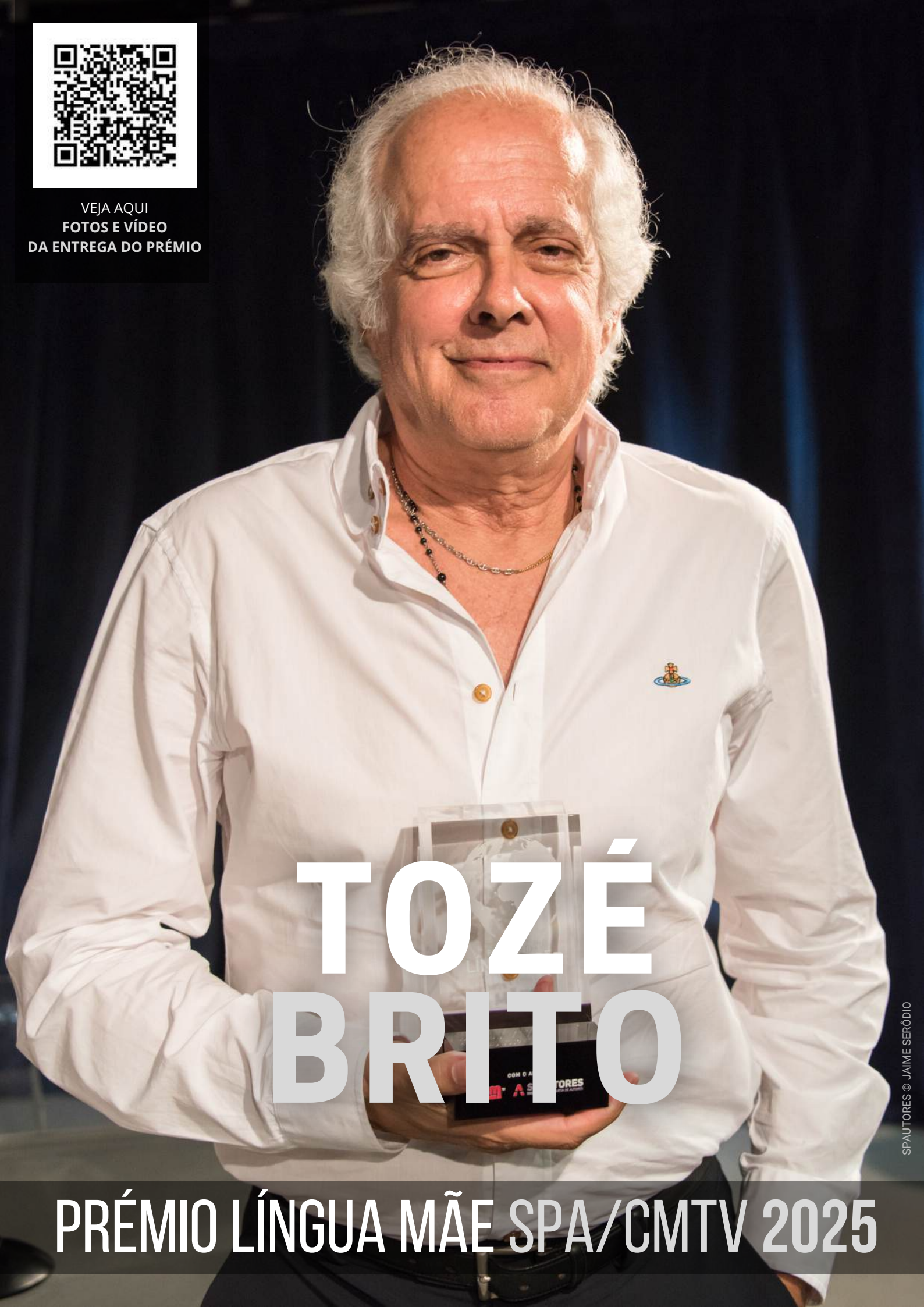
A **Sociedade Portuguesa de Autores** distinguiu **António José Teixeira** com a **Medalha de Honra da Cooperativa**, numa cerimónia realizada no dia **3 de Julho**, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, em Lisboa. A medalha foi entregue por **José Jorge Letria**, Presidente da SPA, como reconhecimento pelo seu percurso notável no jornalismo e pelo contributo para a defesa dos valores da liberdade em Portugal.

VEJA AQUI O
VÍDEO ➡





VEJA AQUI
FOTOS E VÍDEO
DA ENTREGA DO PRÊMIO

A portrait of Tozé Brito, an older man with white hair, wearing a white button-down shirt and a necklace. He is holding a trophy in his hands. The trophy is a clear glass cube with a globe inside, sitting on a black base. The base has some text and logos, including 'COM O A' and 'AS SP' and 'TOZÉ BRITO'.

TOZÉ BRITO

PRÊMIO LÍNGUA MÃE SPA/CMTV 2025

VENCEDORES DO PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO

SPA/ANTENA 2 | 2025 (14.ª EDIÇÃO)



JORGE CARMONA

Na 14.ª edição do Prémio de Composição SPA / Antena 2, o compositor **Carlos Lopes** foi distinguido com o 1.º Prémio, pela sua obra **"Rasgos de Luz"**.

O 2.º Prémio foi atribuído ao compositor **Afonso Sêro**, com a peça **"Música para a Alma"**. Nesta edição, não foram atribuídas menções honrosas.

O júri do Prémio de 2025 foi constituído pelos compositores **Andreia Pinto Correia** e **Vasco Mendonça**, sendo **presidido por Pedro Neves**.

A cerimónia de entrega decorreu no dia **17 de Setembro de 2025**, na **Fundação Calouste Gulbenkian**, com a presença de **Paulo Sérgio dos Santos**, membro dos Órgãos Sociais da Sociedade Portuguesa de Autores, que entregou os prémios em representação da SPA.

PRÉMIO DE COMPOSIÇÃO

SPA/ANTENA2 | 2025

"RASGOS DE LUZ"

DE CARLOS LOPES

JOÃO LUÍS BARRETO GUIMARÃES
DISTINGUIDO COM O

PRÉMIO DE TEATRO CARLOS AVILEZ

O júri do Prémio de Teatro Carlos Avilez SPAutores / Teatro Aberto 2025, presidido por João Lourenço e constituído por Isabel Medina, Rui Mendes e Tiago Torres da Silva, pela Sociedade Portuguesa

de Autores, e por Francisco Pestana, Patrícia André e Vera San Payo de Lemos, pelo Teatro Aberto, decidiu, por maioria, atribuir o **Prémio de Teatro Carlos Avilez SPAutores/Teatro Aberto de 2025 à peça Caravana** de João Luís Barreto Guimarães.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

ENTREVISTA

JOSÉ BARATA-MOURA

RECONHECIMENTO OFERECIDO PELA FACULDADE
DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Como reagiu à distinção que recebeu da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa?

Passaram vinte anos desde que eu deixei de ser reitor da Universidade de Lisboa. É óbvio que é comovente, cala fundo e, en-

fim, desperta algum horizonte de optimismo, relativamente à natureza humana. A gente lembrar-se ou verificar, que passados tantos anos, há uma faculdade – quer professores, quer estudantes, quer funcionários –, que entende, de alguma forma, reconhecer o trabalho que foi feito pelas equipas reitorais, as quais eu tive a honra e o gosto de dirigir... Nesse aspecto, foi uma cerimónia tocante e só tenho de estar agradecido.

E temos testemunhado um ataque generalizado à Academia, num contexto praticamente global.

As universidades sempre foram, pelo menos vocacionalmente, um lugar, um espaço de liberdade, de descoberta, de crítica, de abertura ao, de alguma sorte, que está instalado. Isso não impede que também, ao longos dos anos, a tarefa constitutiva da demanda do saber, não tivesse sido instrumentalizado, paralisado ou, tendencialmente, canalizado para a apologia disto ou daquilo que era mais conveniente aos poderes. Primeiro, aos poderes eclesiásticos e depois, e também às vezes aos dois, ao poder civil... Por conseguinte, repare que esta tensão, este pulsar pela descoberta do mundo e da vida traz consigo todas as outras contradições do próprio viver que aí se reflectem.

Digamos que o que é interessante, ao nível institucional, das universidades, por exemplo, é nós percebermos como é que é possível, de alguma forma, promover, consolidar e desenvolver essa dimensão de crítica, de pesquisa, de procura do que, de alguma maneira, nos leva a saber pouco mais, um pouco melhor, mais nitidamente, aquilo que são as várias áreas da experiência humana. Essa tensão é, eu diria, quase permanente. À lucidez dos homens, das mulheres e das instituições fica reservada essa responsabilidade e esse papel também, ou seja, em que sentido interpretar aquilo que é, no fundo, essa vocação inscrita no cultivo dos saberes.

E, completado um ciclo de 50 anos sobre o 25 de Abril, de repente, estamos a debater, novamente, estes temas, incluindo o da liberdade...

Com certeza. A universidade não está fora do mundo, não está fora da sociedade e as próprias contradições da sociedade reflectem-se, desta e daquela maneira, acentuando mais esses aspectos ou mais aqueles outros, mas reflecte-se também na vida da própria universidade. É evidente que, enquanto, instituição também algum espaço de manobra, algum espaço de criatividade, de intervenção e de irradiação cultural que, enfim, lhe é possível e ela deve ocupá-lo.



As universidades sempre foram, pelo menos vocacionalmente, um lugar, um espaço de liberdade, de descoberta, de crítica, de abertura ao, de alguma sorte, que está instalado. Isso não impede que também, ao longos dos anos, a tarefa constitutiva da demanda do saber, não tivesse sido instrumentalizado, paralisado ou, tendencialmente, canalizado para a apologia disto ou daquilo que era mais conveniente aos poderes.





É necessária uma lucidez maior quanto aos temas da Academia?

Eu penso que quando se medita sobre a natureza do próprio saber que se cultiva, estes aspectos rebentam, claramente, pelas costuras. Por vezes, acontece que em qualquer área do saber, há um comportamento que é meramente pragmático. Eu tenho que ocupar xis horas, debitando umas lições ou eu tenho que ocupar xis horas ouvindo umas lições ou participando nos laboratórios para depois ter um resultado, que me dá um papel e que, imaginam as pessoas, depois me levará ao mundo da vida. Como se a universidade não fosse já um mundo da vida e isso é muito importante, que a instituição também cuide disso. Isto é, também cuide dessa dimensão de um viver multifacetado, plurilateral, em que o próprio ambiente do cultivo do saber se pode tornar mais sensível para outros aspectos que não são os da especialidade. Porque há uma dimensão cultural, potencialmente, alargadora. Pelo simples facto de estarmos a cultivar uma área especializada, isso também nos pode tornar, se não se perder a tal lucidez, de uma abertura àquilo que é o largo espectro dos estímulos, isso pode ser também um factor. Repare que, ao longo da história certamente, mas quase na nossa contemporaneidade, é perfeitamente possível e encontra-se, os casos não são assim tão poucos como isso, pessoas que são figuras de referência, numa determinada área específica que cultivou e, ao mesmo tempo, podem ser melómanos, romancistas, pintores, corredores de maratona, não é? Eminentemente gastrónomos! Estou a usar o sentido da cultura de uma forma muito ampla, muito diversificada, e isso, efectivamente, numa universidade que, em princípio, deveria comportar o cultivo da universalidade dos saberes, sem descorar aquilo que é,



Pelo simples facto de estarmos a cultivar uma área especializada, isso também nos pode tornar, se não se perder a tal lucidez, de uma abertura àquilo que é o largo espectro dos estímulos, isso pode ser também um factor. Repare que, ao longo da história certamente, mas quase na nossa contemporaneidade, é perfeitamente possível e encontra-se, os casos não são assim tão poucos como isso, pessoas que são figuras de referência, numa determinada área específica que cultivou e, ao mesmo tempo, podem ser melómanos, romancistas, pintores, corredores de maratona, não é?

obviamente, a solidez das formações e das investigações numa área de especialidade, sem perder esse horizonte mais alargado que é o que nos pode abrir perspectivas humanas de enriquecimento. Para os próprios e, depois, na irradiação para outros e na estimulação de outros.

Complementar essa cultura lato senso... Não evitar a especialização, mas complementá-la.

Não perdermos esta dimensão. A universidade, com certeza, é um pilar de soberania, na medida em que promove a qualificação superior dos membros de uma colectividade. Tem também uma palavra a dizer no que diz respeito à qualidade do cidadanato (por exemplo, o funcionamento democrático interno de uma instituição como a universidade, pode ser uma escola extremamente importante para a convivência, para a resolução de conflitos, para a procura e ir ao encontro de soluções para problemas muito complicados) e também não esquecer essa dimensão cultural alargada, que é parte própria da universidade, mesmo quando se está num sector de especialidade. A universidade, digamos, deveria ser esse espaço, ao mesmo tempo, de cultivo de saberes, mas também de comunicação dos próprios saberes e interacção destes. Isto pode ter caminhos formalizados, desde licenciaturas ou mestrados, que combinam várias áreas. Ou, pura e simplesmente, ser um espaço onde, enfim, esses estímulos têm uma presença marcante e um bocadinho mais viva.

Num outro sentido, encontramos quem só pesquise sobre futebol, ou só sobre poesia, ou quem só pesquise sobre determinado aspecto da agricultura... Por oposição, em termos comunicacionais e informativos, a um contacto generalista, que é também essencial.

Eu não sou praticante dessas artes radiculares, mas, do ponto de vista de um observador um pouco de fora, repare que, por vezes, através dessas redes nós temos uma ilusão de comunicação, porque há a aparência de uma comunicação, em que as pessoas não se encontram, em que, no fundo, a sua solidão que, muitas vezes, não é uma solidão benfazeja, mas é uma solidão malsã. O indivíduo continua inquistado ali, mas com a ilusão que está a comunicar. Voltando às universidades, a importância de haver o contacto das pessoas, em carne e osso, directamente. Com certeza que, como antigamente as bibliotecas, a net, os arquivos e tudo aquilo que, em termos de informação, hoje em dia, e ainda bem, está disponível e pode ser, com mais facilidade, explorado e feito render. Mas, não perder essa experiência humana da



dialogia, que é, no fundo, aquilo que, reciprocamente, nos enriquece. Mesmo quando nos zangamos uns com os outros, ou quando achamos que é horrível, “aquele tipo é um chato”. Com aspectos mais ou menos agradáveis, é essa experiência, no fundo, da relação ou das relações pessoais, na sua complexidade e que não são apenas de natureza teórica ou informacional, mas que são afectivas também. A descoberta que cada um de nós vai fazendo da sua afectividade na relação afectiva com os outros, é uma dimensão que eu acho fundamental que não se perca. E que, atenção, a máquina não mata, a máquina até pode potenciar, se nós não deitarmos fora esse cuidado por essa outra nossa dimensão humana da relacionalidade. Não sou praticante, mas não acho que seja uma coisa horrenda e horrível. Embora, algumas das suas manifestações, por aquilo que me vai chegando aos ouvidos, não sejam as mais recomendáveis. No entanto, tal como acontece, enfim, desde sempre, com as técnicas e com as tecnologias, a questão fundamental é nós sermos capazes de utilizar esses instrumentos para emancipação e enriquecimento e não para exploração, empobrecimento e bestialização, no sentido de abaixamento, de apagamento, daquilo que são as qualidades e potencialidades que enquanto seres humanos, melhores ou piores, mas que todos temos, podemos, devemos e que é muito agradável desenvolver.

E como vê a integração da inteligência artificial na Academia?

É evidente que isso, hoje em dia, já está presente e está presente de forma muito desagradável, e agora como dizem mais ainda, por que há certas formas de exercícios, ou de exames ou teses, enfim, aquilo pode ser a máquina a fazer. Bom, não perdermos a dimensão humana de uma relacionalidade viva, porque é óbvio que ao fim de estarmos a conversar sobre um texto é perfeitamente possível, ou pelo menos, divisável qual é a relação da pessoa que está diante de nós, e que se reclama autor, com a efectiva autoria desse texto. Portanto, aqui, uma vez mais, o problema não está na máquina, o problema está na maneira como ela funciona. Temos que perceber que, de alguma maneira, a inteligência artificial coloca-nos na mão, em termos de rapidez, extensão, preço, um volume de informação, mesmo de informação digerida, incomparavelmente maior com aquele que no mesmo espaço de tempo, uma pessoa é capaz de encontrar. Há, aqui, uma dimensão fundamental a que nós continuamos a ser necessários. É que a máquina é capaz de analisar aquilo que foi feito, mas é preciso um autor para fazer. E o autor que vai fazendo e que vai fazendo de novo, que enriquece o património de humanidade que, obviamente, a máquina irá depois recolher e sumariar e sintetizar. É esta dialéctica da criatividade e dos instrumentos que se, for bem aproveitada, os instrumentos não são a morte da

criatividade, mas obrigam a criatividade, potenciam a criatividade e obriga-a a outros níveis de exigência e a dificuldades superiores.

Trata-se de uma ferramenta.

Uma ferramenta, que obriga a novas formas criativas de lidar com ela.

Esta ferramenta tem também essa particularidade. É o utilizador que vai determinar o seu sentido. Mas tem sido utilizada na lógica da fraude, na Academia, e traz desafios aos temas dos direitos de autor.

Sobretudo para encontrar uma forma genuína de identificar onde está a autoria. Esse é, eu imagino, questão-chave. Os próprios programadores, eu imagino, que deverão ter todo o cuidado em registar e defender os direitos de autor, relativamente ao instrumento. Não sejamos ingénuos. Temos é que provavelmente reflectir um pouco mais, enfim, conversarmos muito mais uns com os outros, ouvirmos quem sabe disto e quem sabe daquilo. Os problemas estão lá e as soluções também.

É urgente encontrá-las.

Quando detectamos que há um problema – e isto já desde o tempo do Aristóteles –, já é meio caminho andado para a solução, porque os outros são aqueles que nós não detectamos... 



Há (...) uma dimensão fundamental a que nós continuamos a ser necessários. É que a máquina é capaz de analisar aquilo que foi feito, mas é preciso um autor para fazer. E o autor que vai fazendo, e que vai fazendo de novo, enriquece o património de humanidade que, obviamente, a máquina irá depois recolher, sumariar e sintetizar.



1925 2025

GALA COMEMORATIVA DO
CENTENARIO
GLÓRIA

CCB - Grande Auditório
29 de Maio de 2025



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO

GALA DOS 100 ANOS DA SPA

O Grande Auditório do Centro Cultural de Belém encheu-se para celebrar o centenário da **Sociedade Portuguesa de Autores**, numa gala marcada pela música, pela emoção e pela homenagem.

Em palco, **Rita Redshoes**, **Camané** e **Expresso Transatlântico** partilharam o espaço com **The Legendary Tigerman**, **Jorge Palma**, **Marisa Liz**, **Pedro Abrunhosa**, **Carlão**, **Luísa Sobral** e **Milhanas**, num concerto que uniu gerações e estilos.

Com apresentação de **Soraia Tavares**, **João Sá Nogueira** e **Salvador Nery**, o espetáculo contou ainda com a energia dos bailarinos e um momento especial de homenagem a **Renato Júnior**, celebrando a sua obra e contributo para a música portuguesa.

UMA NOITE DE CELEBRAÇÃO NO CCB

SPAUTORES © JAIME SERÓDIO



Uma noite memorável que marcou os **100 anos da SPA**, reafirmando o seu compromisso com os autores e com a cultura portuguesa.

A direcção e concepção artística esteve a cargo de **Renato Júnior** e **Tiago Torres da Silva**, com direcção técnico-artística de **Jasmim Teixeira**, direcção musical de **Hélder Godinho**, edição de conteúdos para LedWall por **Aurélio Vasques**, coreografia de **Filipa Peralinha** e cenografia de **Catarina Amaro**.



RITA REDSHOES



CAMANÉ



JORGE PALMA



CARLÃO



THE LEGENDARY TIGERMAN



EXPRESSO TRANSATLÂNTICO



MARISA LIZ





RENATO JÚNIOR

1966 - 2025

A SPA manifesta o seu sentido pesar pela morte súbita, aos 59 anos do músico, orchestrador e produtor musical Renato Júnior, que era vice-presidente da mesa da Assembleia Geral da SPA e também um dos colaboradores fundamentais da cooperativa na produção de grandes espectáculos musicais, tanto na Aula Magna como no CCB.

Renato Júnior era beneficiário da SPA desde 1985 e seu cooperador desde 2003. Realizou estudos musicais na Academia de Amadores de Música, com formação no piano e no clarinete. Gravou, compôs e produziu dezenas de discos com diversos nomes do panorama musical português, designadamente com os UHF, com Susana Félix, Martinho Da Vila, Ney Matogrosso e muitos outros. Realizou muitas dezenas de concertos em Portugal e fora do país.

Para além disso compôs e produziu para teatro, publicidade e televisão. Foi produtor musical da Operação Triunfo para a RTP. Para além disso foi o produtor escolhidos pela UEFA, para, em conjunto com Nelly Furtado compor a banda sonora oficial do Euro 2004. Dirigiu musicalmente o espectáculo “6.ª feira 13”, dos “Xutos e Pontapés” e o espectáculo “Paraíso”, de Olga Roriz.

Por outro lado, criou e produziu o projecto “Rua da Saudade”, de homenagem a José Carlos Ary dos Santos. Era membro da World Sound Track Academy na Bélgica. Era licenciado em Relações Públicas, Marketing e Publicidade. Estava neste momento a preparar a gala comemorativa do centenário da SPA, a ser levada à cena em 29 de Maio próximo, no CCB.

Foi Renato Júnior que dirigiu musicalmente os espectáculos “Paulo de Carvalho 60 Anos” em 2021 na Aula Magna, “Natália 100 Anos”, também na Aula Magna em 2022, “Merecer Abril” na Aula Magna em 2023 e ainda, também na Aula Magna, “O Mar de Camões” em 2024.

A SPA perde assim um dos seus mais valiosos colaboradores musicais e um dos seus dirigentes mais activos e empenhados em soluções que fortalecessem a unidade dos autores e a sua motivação para os grandes desafios do futuro. Com a morte de Renato Júnior a SPA fica mais pobre, estando solidária com a família do músico, à qual endereça o mais sentido e solidário pesar por esta perda que todos atinge. Renato Júnior partiu antes de tempo e todo o seu trabalho exemplar será recordado, louvado e saudado.

MARIA TERESA HORTA

1937 - 2025

A morte aos 87 anos de Maria Teresa Horta, cooperadora da SPA desde 2004 e Prémio de Consagração de Carreira da cooperativa em 2014, representa uma pesada perda para a cultura portuguesa de que foi sempre uma criador activa e muito talentosa.

Maria Teresa Horta foi uma das vozes poéticas mais importantes da poesia 61, afirmando-se depois com livros importantes como “Minha Senhora de Mim”. Foi militante do PCP e dirigiu a revista “Mulheres”, sempre em concordância com o seu ideal feminista.

Juntamente com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, escreveu o livro “Novas Cartas Portuguesas”, obra perseguida e proibida pela ditadura.

Maria Teresa Horta era a sobrevivente desse trio de grandes escritoras. Foi uma mulher sem medo e de grande combatividade social e política que levou a BBC a incluí-la recentemente na lista das 10 mulheres mais influentes a nível mundial.

Maria Teresa Horta foi casada durante mais de 50 anos com o jornalista Luís de Barros, primeiro Subsecretário de Estado da Comunicação Social imediatamente após 25 de Abril, que morreu de doença em Novembro de 2019.



A SPA recorda a importância do seu contributo cultural no Portugal de antes e depois do 25 de Abril e transmite ao seu filho e restante família o testemunho do seu pesar solidário.

ROGÉRIO CEITIL

1937 - 2025

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do realizador de cinema e televisão Rogério Ceitil, beneficiário da cooperativa desde 1977 e seu cooperador desde 1987. Rogério Ceitil foi, pela área do Audiovisual, membro da Direcção da SPA.

Realizou as longas-metragens “Grande Grande Era a Cidade” e depois “Cartas na Mesa”, estreado logo após o 25 de Abril de 1974.

Nascido em 1937, Rogério Ceitil destacou-se também como realizador para a RTP das séries “Duarte e Companhia” e “Zé Gato” com a participação durante um período longo de alguns dos mais populares actores portugueses.

À família do realizador, a SPA endereça uma mensagem de pesar solidário, recordando o muito que deu ao cinema e à televisão.



NUNO GUERREIRO

1972 - 2025

A SPA manifesta o seu pesar pela morte do cantor Nuno Guerreiro.

Nascido em Loulé, em 1972, o cantor granjeou grande popularidade com a sua voz de contratenor. Enquanto vocalista do Ala dos Namorados, celebrou “Solta-se o beijo”, “Fim do mundo” ou “Loucos de Lisboa”.

O cantor, que desaparece aos 52 anos, deu nas vistas numa homenagem a Carlos Paredes, no Teatro de S. Luiz e, desde essa altura, participou em vários projectos, dando voz a diversos autores portugueses. Independentemente do seu percurso a solo, esteve nos palcos, entre outros, com Rodrigo Leão, João Gil ou Manuel Paulo. Fez parte do projeto Zeca Sempre, reinterpretando e homenageando Zeca Afonso.

Nuno Guerreiro, no ano passado, tinha participado numa homenagem a Sara Tavares, cantora que, também precocemente, deixou o mundo das canções mais pobre.

A SPA endereça à família do cantor o seu pesar solidário.

TERESA RITA LOPES

1937 - 2025

A Sociedade Portuguesa de Autores manifesta o seu pesar pela morte da professora universitária e escritora Teresa Rita Lopes, grande especialista na obra de Fernando Pessoa e cooperadora da SPA desde julho de 1999.

Nascida em Faro em 12 de setembro de 1937, Teresa Rita Lopes licenciou-se em Filologia Românica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo chegado a ser docente no liceu de Oeiras.

Envolvida politicamente na luta contra a ditadura, partiu para Paris, onde se doutorou com uma tese sobre Fernando Pessoa, que se tornaria figura central de investigação na sua longa carreira como docente e investigadora.

Foi, desde 1979, professora catedrática de Literaturas Comparadas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Deixou uma vasta obra publicada nas áreas da poesia, do ensaio e do teatro, com destaque para “Os Dedos, os Dias, as Palavras”, distinguido com o Prémio Cidade de Lisboa, em 1987. Recebeu também o Prémio do PEN Clube Português de Ensaio, em 1991 e o Grande Prémio de Teatro da APE-Ministério da Cultura em 2001.

A SPA testemunha o seu pesar por esta perda à família de Teresa Rita Lopes, assegurando que tudo fará para sublinhar a importância da sua obra e para recordar os livros que nasceram da sua intensa criatividade como autora.



SPAUTORES © JAIME SERÓDIO



A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 88 anos de Francisco Pinto Balsemão, político, empresário de comunicação social (criador do Expresso em 1973 e da cadeia de televisão SIC).

Fundador, com Francisco Sá Carneiro e Magalhães Mota, do PSD, Pinto Balsemão foi Primeiro-Ministro, entre 1981 e 1983.

Foi um elemento muito destacado na Ala Liberal, no final da ditadura de Marcelo Caetano, tendo-se batido pela lei de imprensa e pela modernização do regime ditatorial, objectivo alcançado com o triunfo dos militares em 25 de abril de 1974.

FRANCISCO PINTO BALSEMÃO

1937 - 2025

Para além disso, Pinto Balsemão, foi professor universitário e o grande dinamizador da SIC como primeiro canal privado de televisão, actividade em que contou com a colaboração de jornalistas como Emídio Rangel. Integrou também, por decisão de Marcelo Rebelo de Sousa, o Conselho de Estado e manteve-se politicamente activo até ao fim dos seus dias.

Era um cidadão sempre cumpridor das responsabilidades que assumia, dentro e fora da política e do meio empresarial, e também um defensor dos direitos dos jornalistas, destacando-se pela cordialidade exigente com que tratava os seus interlocutores.

A SPA atribuiu-lhe a Medalha de Honra em 2023 para assinalar a comemoração dos 50 anos da criação do Expresso, em que teve como parceiro Marcelo Rebelo de Sousa. Há cerca de três anos Francisco Pinto Balsemão publicou um livro de memórias, essencial para a compreensão do seu percurso político e das etapas da sua intervenção política e empresarial.

A SPA recorda a sua cordialidade como jornalista e respeitada figura pública que sempre defendeu com firmeza e competência a liberdade de imprensa.

À família enlutada, a SPA, homenageando Francisco Pinto Balsemão, endereça o testemunho do seu pesar solidário, tendo presente a forma como sempre se relacionou com a Imprensa, na salvaguarda dos direitos dos autores. Será difícil para a empresa e para a família lidarem com a pesada perda de um homem político e empresário que muito fez para instalar e preservar a vida democrática em Portugal, sempre com dignidade e rigor.

spautores.pt
facebook.com/spautores
instagram.com/spautores
youtube.com/SPAutores1925

**“NÃO VAMOS FALAR
DOS MEUS DIREITOS.
VAMOS FALAR DOS TEUS”**

LÚCIA MONIZ

O direito de autor é aquilo que paga o seu trabalho. É o que o autor recebe por criar algo novo como um filme ou uma série. Se não receber, o autor não os pode criar e é aí que os teus direitos enquanto espectador são postos em causa porque sem autores não há cultura.

